# BRANCO NO PRETO

AINDA há poucos dias, os cinemas da capital exibiam um complemento nacional sôbre a sêca no nordeste. Bem fotografado, limpo, e sobretudo sincero em suas intenções, tal documentário, ainda que esteja longe de ser uma obra prima, é um documento que vale ser visto. Seus produtores e realizadores, não tiveram outro propósito senão o de mostrar ao Brasil uma de suas maiores chagas, um de seus maiores sofrimentos, e cujo atraso e desleixo em remediar o mal têm conduzido milhares de vidas para a morte. Este filme é um grito de revolta, um grito transformado na mais viva imagem que pode nos proporcionar o Ceará de hoje, sem água, com rios completamente sêcos, e sua população caindo exausta, morrendo de sêde. Não que estejamos louvando a iniciativa de focalizarem nos complementos nacionais apenas os quadros horripilantes dêste imenso Brasil, tão cheio de coisas belas e tão cheio, como no caso, de coisas más. Apenas desejamos esclarecer que o cinema tem também a sua função social e, seria muito difícil, mesmo, que qualquer de nós, espectadores, não se comovesse e não sentisse pena dos pobres flagelados do nordeste tão viva e horrorosamente apanhados pela objetiva, documentando cruamente um dos mais tristes aspectos das conseqüências da sêca no país. Em face disso, seria mesmo ter um coração de pedra para que as autoridades competentes não mexessem o corpo e deixassem de lado seus cálices de vinho para dar água a quem tem sêde. Tal complemento merece inteiramente o nosso aplauso. E que se mirem nêsse exemplo os outros produtores de fitas nacionais, procurando focalizar as coisas belas e ruins de nossa terra, mostrando ao povo o que o pôvo desconhece. Porque tudo isso é Brasil.

★

CONVEM mesmo, a propósito, que haja uma fiscalização severa por parte da Censura, na liberação dos complementos nacionais, favorecidos pela Lei de Obrigatoriedade.

★

ÊSTE abuso e descaso dos fazedores de complementos já é um caso de polícia. Não se pode admitir, na época de hoje, onde os recursos cinematográficos melhoram dia a dia, que se exiba ao público, sistemàticamente, exibições sociais filmadas como matéria paga.

★

NÊSTE momento, lembro-me de que, há dias, sentei numa poltrôna confortável e inteiramente intacta, num cinema da Cinelândia. Os gerentes dessas casas certamente ficarão com a pulga atrás da orelha. Pelo descuido.

★

AVISO aos refugiados do nordeste: chegou há dias a esta capital um flagelado da sêca do Ceará, que, aos empurrões, conseguiu chegar ao bebedouro do Art-Palácio. Morreu de sêde.

O PREÇO DE UM TIRO

# MATANDO PARA VIVER

*O estampido toma vulto, alarma a vizinhança. Os primeiros curiosos chegam ao local. Tombado no chão, o corpo de um homem, imóvel. O disco do telefone roda, assinalando o número da assistência. A polícia técnica comparece. Jornalistas e fotógrafos bisbilhotam o passado da vítima. No dia imediato, os jornais tomam conta do caso, expõem todos os motivos da tragédia. E' iniciado o processo. Vem o julgamento. Novas provas são computadas, novos meios de defesa são expostos ante os jurados. Aquêle tiro trouxe tudo à tona. Todo aquêle drama, tôda aquela angústia, todo aquêle dilema cruel, escapou, repentinamente, pelo cano da arma assassina. E seu estouro veio fazer eco na opinião pública. Suas vidas não eram mais suas; estavam à mercê de outras mãos, de outras almas, portadoras também de um drama, como êles, à espera de um tiro para virem à luz. Quinze anos para dar um tiro. Quinze anos de luta, de sofrimento, de incompreensão. Quinze anos de angústia para apertar o gatilho, e seu destino seria resolvido em quinze minutos. Era só protelar. Era só esperar que aquela fúria adormecida, aquela raiva refreiada, aquêles sentimentos reprimidos soltassem a válvula para deixar escapar os algozes que a torturavam. Não foi fácil, não. Seu drama viveu sufocado no revólver durante quinze anos, para sair na forma concreta de minúscula cápsula alojada agora no corpo da vítima. Morreu? Está vivo? Não importa. O que importa é que aquêle tiro modificou tudo. Sua história era agora alvo da atenção popular. Todos conheceriam sua vida, mas poucos, muito poucos compreenderiam o seu drama. Ninguém poderia compreender que fôrça misteriosa induzira aquela alma torturada a desfechar aquela arma fatídica. A distância de seu dedo ao gatilho era curta, mas levara quinze anos para chegar até lá. O remorso, o arrependimento, logo após o ato consumado, viriam perturbar a sua mente. A vontade de voltar atrás, de recuperar o gesto perdido, jamais seriam levados em conta no seu julgamento. Ali estavam os fatos, as provas. O tiro fôra desfechado e a bala atingira a vítima. Sua vida, tôda sentimentos, transformava-se agora num emaranhado de palavras impressas no papel do processo, andando de mão em mão, de bôca em bôca, entrando pelos olhos de leitores curiosos e de ouvidos estranhos, sem atingir nunca o coração. Talvez um parente mais próximo ou um amigo mais íntimo, compreendessem sua atitude, mas êstes também fugiam à responsabilidade de justificar o seu gesto. E sua vida estaria entregue a mãos desconhecidas, hábeis e mecânicas, que faziam da arte de defender e de acusar, o seu próprio meio de vida. Viviam, por assim dizer, à custa da morte alheia.*

*No cinema, difìcilmente a situação é a mesma. A vida e morte são barateadas para o deleite do espectador. O drama jamais paira nas imagens refletidas. São processos mecânicos que procuram emoções. O tiro cinematográfico, com os recursos do som e da fotografia, atingiu uma perfeição única — embora longe da verdade. Com a maior facilidade se aperta o gatilho ,com a maior simplicidade se rouba a vida alheia, e com a maior naturalidade a própria vítima absolve o culpado. Jamais o desfecho trágico de um tiro adquire as proporções da realidade, porque o resultado, obtido por efeitos de luz e ângulos mirabolantes, não se preocupa em atingir o âmago da situação, não esclarece os pormenores do crime, não revela, à luz dos refletores, o sofrimento da alma e a confusão do pensamento. Difìcilmente se assiste a um filme onde não haja um tiro. Tombam as vítimas. Condenam-se ou absolvem-se os réus, de acôrdo com a vontade do autor do "script". E o espectador, já acostumado, entusiasma-se com o tiro cinematográfico. Porque o seu preço é barato. E a sua eficiência é inegável.*

leon eliachar

# QUE COISA É ESSA CHAMADA "A COISA"



# RODADO NO MAIS COMPLETO MISTÉRIO O FILME DE HOWARD HAWKS INTITULADO "THE THING"

**Texto de THOMAS KEENE**

**Fotos R.K.O.**

*Hollywood, junho* — Quando entrei nos estúdios da R.K. O., notei uma certa frieza e uma certa reserva não só por parte dos diretores como por parte dos intérpretes que rodavam a fita "The Thing", produzida por Howard Hawks para Winchester Productions. Evidentemente, havia qualquer coisa no ar que pesava sôbre as nossas cabeças. Os olhares cruzavam em minha frente, sem que eu soubesse o motivo. Já no restaurante, na hora do almoço, quando uma das "players" se dispôs a falar-me, amigávelmente, e foi bruscamente interrompida por uma companheira, foi que entendi o que se passava. Estavam armando o maior mistério possível em tôrno do significado da palavra "The Thing". Afinal, que coisa era essa chamada "a coisa?" Minha curiosidade foi despertando e de maneira bastante hábil e diplomática, procurei inteirar-me dos acontecimentos.

Completou agora seis meses que Howard Hawks se resolveu a fazer a fita intitulada "A Coisa". O filme, hoje, já está completo, editado, e, como se diz na jíria, "completamente mastigado" para o seu término definitivo. Mas ninguém que tenha alguma coisa com a fita disse alguma coisa a respeito dessa coisa chamada "a coisa". Isso é tudo o que se sabe: Hawks escolheu uma coisa "do outro mundo" para o título de seu filme. Gastou mais de um milhão de dólares fazendo a fita, dos quais nada menos de 40.000 foram gastos na confecção dessa "coisa" que levou três meses para ser construida. A fita, própriamente, foi concluida em apenas 50 dias. Hawks e tôda sua equipe técnica tomaram tôdas as precauções para que essa "coisa" se mantivesse no mais completo sigilo. Trancada dentro de um palco de filmagem, a sete chaves, só era permitida a entrada no recinto a pessoas que conseguissem um "passe" especial e, nêsse caso, estavam incluidos técnicos e atores. Não havia chance de uma revelação do mistério, mesmo entre os artistas, uma vez que êstes nunca chegaram a ver o "script" antes da filmagem. Essa foi a cláusula de Hawks, do contrário não havia papéis para os atores. E os que aceitavam essa condição prometiam de que não revelariam a ninguém o segrêdo da "coisa", inclusive Margaret Sheridan, escolhida para o papel feminino principal, e Kenneth Tobey, que deu 26 "shows" na Broadway e apareceria pela primeira vez no cinema. Todos êles trabalharam na fita sob a mais segura vigilância, e alguns mesmo nem sequer chegaram a conhecer "a coisa". Um clima de constante curiosidade foi criado nos estúdios da R. K. O. Howard Hawks, inteligente que só êle, procurou abafar os rumores e aliviar a curiosidade dos caçadores de mexericos, mandando construir outras cinco "coisas" diferentes, deixando todos atordoados, sem saberem qual delas era a verdadeira. Se bem que, agora, todos nós saibamos que não é nenhuma daquelas. E logo que as filmagens foram iniciadas a "coisa" real foi transportada para o norte de Montana, numa pequena localidade semelhante ao Polo Norte. E alí, foi mostrada a um pequeno grupo do "cast" que estava ansioso para vê-la, ficando desvendado o seu mistério — exclusivamente para uso interno.

E apesar de tôdas essas pesquizas, perguntando daqui e dali, ninguém do estúdio me revelou que "coisa" é essa, pois sabiam perfeitamente que eu teria o máximo prazer de divulgar a vocês. Enfim, nada nos resta senão aguardar o filme. Talvez tudo não passe de um simples truque de mr. Howard Hawks para fazer a fita render milhões na bilheteria. E, se assim fôr, não resta dúvida que esta será uma grande "coisa..."



**MARGARET SHERIDAN principal protagonista feminina da película «The Thing» (A Coisa), que Howard Hawks acaba de realizar para a Winchester Productions, rodada nos estúdios da R.K.O.**

# A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 28 ★ 12-7-51


SUMÁRIO


Branco no prêto .............. 3
Matando para viver (Leon Eliachar) .............. 3
Que coisa é essa chamada «a coisa»? (Thomas Keene) ... 4
Telas da cidade .............. 6
Últimas fotos de Bergman-Rossellini .............. 7
Como se faz um disco (Max Gold) .............. 8
Confissões de Maria Felix (Alberto Conrado) .............. 10
Você também pode ser um pilôto de provas .............. 12
Psicologia e moral de um Festival (René Jeanne) ....... 13
Entre o documentario e a ficção (Salvyano Cavalcanti de Paiva) .............. 14
Queria ser jornalista ........ 15
Flashes mundiais .............. 16
A mulher ideal (Leon Eliachar) .............. 18
O lanceiro invencível (resumo) .............. 20
Minha Amiga Maluca (resumo) .............. 21
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) .......... 22
(Close-up) .............. 23
Candidate-se ao cinema brasileiro .............. 24
Katty Jurado, mexicana em Hollywood .............. 26
Coluna do fã .............. 27
(Close up) .............. 30
Melodias para você .......... 31
Arquivo (Brooklyn Jack) ..... 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação ........ 34
Glossário Cinematográfico — (Hugo Schlesinger) ........ 34


CAPA:

**JOAN CRAWFORD e WENDEL COREY**

(Columbia)

**A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.**


EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.
Diretor-secretário: R. Peixoto de **Alencar.**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

**Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569. Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718**

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
**VIOLET KINNEY**
**THMOMAS KEENE**
CORRESPONDENTE EM PARIS
**JEAN DELMAR**
**Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães**
IMPORTANTE.
**O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.**





## COTAÇÕES

**1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo**

## ATÉ O ÚLTIMO HOMEM

*(Halls of Montezuma — 20th Fox)*

Lewis Millestone, um dos grandes diretores de Hollywood, é o responsável por alguns dos melhores filmes de guerra de todos os tempos ("Sem Novidade No Front"), "Um Passeio ao Sol"), Esta sua última fita, se não nos engamos, supera a tôdas as outras, conseguindo equiparar-se, em qualidade e conteúdo, ao memorável "Também Somos Seres Humanos", de Wellman. E isso porque Millestone, como sempre, e mais do que nunca, consegue penetrar a sua câmara no íntimo do combatente, sem floreios e sem falsidade, mostrando-lhe o mêdo, muito natural, e quase sempre escondido nas outras fitas do gênero onde os soldados são heróis bravios e destemidos. Millestone não foge à verdade; antes a encara friamente, mostrando-nos mortes horripilantes, sob o fogo inimigo. Apezar de ser em tecnicolor, o que seria extremamente difícil para se arrancar o ambiente sombrio e negro da guerra (completamente frustrado por Lang em "Guerrilheiros das Phillipinas) Millestone soube usar a côr no seu devido tom, dando-nos um quadro com as côres vivas do combate. Porque Millestone não utiliza a côr para compor quadros bonitos, senão para utilizar as tintas verdadeiras que se espalham num campo de batalha. Consegue, ainda mais do que nunca, trazer o espectador para o convívio dos combatentes, solidarizando-se com êles, sentindo o seu próprio drama, o seu próprio mêdo, a sua própria bravura, o seu próprio desespero, o seu próprio desamparo, o seu próprio sofrimento diante de um colega que tomba. Millestone, consegue, ainda, dentro dêsse ambiente fulminante e tétrico, fazer poesia cinematográfica da mais alta qualidade, com repetições de cenas que são um verdadeiro achado. Sua câmara, em alguns momentos, permanece parada, focalizando feições estranhas de seus personagens, personagens bem vivos para poderem dar uma idéia exata do que será a sua morte. Nêsses instantes, a máquina de Millestone parece filmar o silêncio e os resultados são de grande efeito, porque, ainda que aparentemente estagnada, sente-se que o diretor procura sufocar naquelas imagens o verdadeiro drama da guerra. Já em outros momentos, Millestone imprime um ritmo mais veloz, como nas cenas de combate e de ataque, e sua câmara parece apavorada, sem saber para que lado olhar, ou, antes, olhando para todos os lados.. Aí, os cortes e a montagem são de grande efeito cênico, conseguindo, em poucos minutos, dar-nos uma visão apavorante do conjunto da guerra: aviões despejando bombas, tanques de assalto agigantando-se aos nossos olhos, foguetes voadores explodindo aos nossos pés, metralhadores escondidas em ninhos, de tocáia, esperando os fuzileiros que marcham para a morte, máscaras de horror diante de um companheiro ferido, máscaras de alegria diante da morte do inimigo, visões de conjunto vendo-se centenas de homens ceifados pelas metralhadoras, explorações de depósitos de munição, com sua fumaça negra cobrindo o céu azul, ruidos os mais estranhos enchendo os nossos ouvidos. Sem dúvida alguma, um grande filme. Porque Millestone, mais do que ninguém, sabe nos mostrar o que é a guerra. E o espectador, ao sair do salão, vai para casa certo de ter voltado de um campo de batalha. E aquelas visões que viu dificilmente sairão de sua memória, como se êle próprio tivesse lutado com aquêles homens que tombaram.

*Cotação artística*: 4,1/2 ★ ***Cotação comercial***: 3,1/2

## OS TRÊS XARÁS

*(Three Guys Named Mike — Metro)*

Dentro da lógica infantil e da ingenuidade de certas fitas americanas, esta película atinge o seu objetivo: diverte. A história, sempre falsa, focaliza, com certa habilidade, as peripécias de uma aero-moça inexperiente que faz as maiores trapalhadas dentro de uma companhia de aviação, inclusive faz o seu avião voltar à base a fim de apanhar o jantar dos passageiros, que ela esquecera. Imaginem. Ela conhece, também, três camaradas chamados Mike, e a confusão se completa, com algumas cenas razoáveis de comicidade. Os três se apaixonam mas ela escolhe um só, é claro, por causa da Censura. Do contrário ela ficava com os três, mesmo. Jane Wyman porta-se bem e é, realmente, uma grande atriz, tanto no drama como na comédia. Van Johnson é o felizardo escolhido. Howark Keel, um novo tipo de galã, razoável. Barry Sullivan, canastrão, como sempre. Direção comum de Charles Walters.

*Cotação artística*: 2,1/2 ★ ***Cotação comercial***: 3

## O GARÔTO E A RAINHA

*(The Mudlark — 20th Fox)*

Esta é outra das películas que a 20th Centrury Fox faz em colaboração com a Inglaterra, e a segunda de Jean Negulesco nêsse sentido. Desta vez, como da outra, os americanos fornecem todo o elemento humano, argumento e tudo o mais, em troca dos cenários naturais onde se desenvolverá a história (como aconteceu também em Sombras do Mal). Trata-se de um incidente histórico, até certo ponto verossível, em que um garôto consegue despertar os sentimentos da Rainha Vitória e trazê-la novamente para a rua, para o seu povo, depois de 15 anos de retraimento, trancada no Castelo, num luto interminável por seu falecido marido. Ambientes e personagens são reproduzidos fielmente e a narrativa de Negulesco, ainda que longe de suas realizações anteriores, é segura e louvável, mantendo a atmosfera exibida pelo filme e pela própria história, desculpando-se, é claro, os americanismos da cenarização. Irenne Dunne faz uma rainha quase perfeita, sendo oitenta por cento atribuidos ao processo da maquilagem. Vivendo a figura de Disraeli, já interpretada várias vêzes na tela, vemos o ator Alec Guiness, irrepreensível e impecável, sem dúvida o melhor de todo o "cast".

*Cotação artística*: 2,1/2 ★ ***Cotação comercial***: 2,1/2

# AS ÚLTIMAS FOTOS DE BERGMAN-ROSSELLINI

SERVIÇO FOTOGRAFICO DA ART-FILMS, ESPECIAL PARA «A CENA» — POR VIA AÉREA.



Aqui vemos o produtor italiano Giuseppe Amato ao lado do intérprete principal do filme de Rosselini «Francesco, Giullare Di dio» (Francisco, Arauto de Deus). Com exceção de Aldo Fabrizi, convidado especialmente por Rossellini, todos os demais figurantes do filme sôbre a vida de São Francisco de Assis são autênticos franciscanos, isto é, nenhum dêles é ator profissional.



Nesta fotografia o espôso de Ingrid Bergman e famoso diretor italiano Roberto Rossellini (de quem temos dois filmes inéditos no Brasil: «Alemanha, Ano Zero», e «Francisco, Arauto de Deus»), parece satisfeitíssimo, provando uma deliciosa torta de maçã fabricada pelos franciscanos. A cena foi tomada durante a filmagem da produção sôbre o santo de Assis.



INGRID BERGMAN e o respectivo marido, ROBERTO ROSSELLINI numa fotografia recentíssima, tomada nos Alpes Suiços. Ingrid aparecerá na temporada de 1951 no filme que começou a «rodar» este mês, provisòriamente intitulado «Europa, 1951» e que será distribuido no Brasil pela Art-Films. Pelo jeito, o casal parece bem feliz, a despeito mesmo da «onda» que fizeram em tôrno de seu casamento.



Outra cena em que aparece o diretor Rossellini «equilibrado» entre as armações de madeira, numa tomada exterior para o novo filme de sua espôsa Ingrid Bergman, o primeiro desde «Strômboli» e cuja conclusão será feita até dezembro, no máximo, para lançamento em 1952, impreterìvelmente. Aguardemos os fatos, enquanto vemos as fotos.



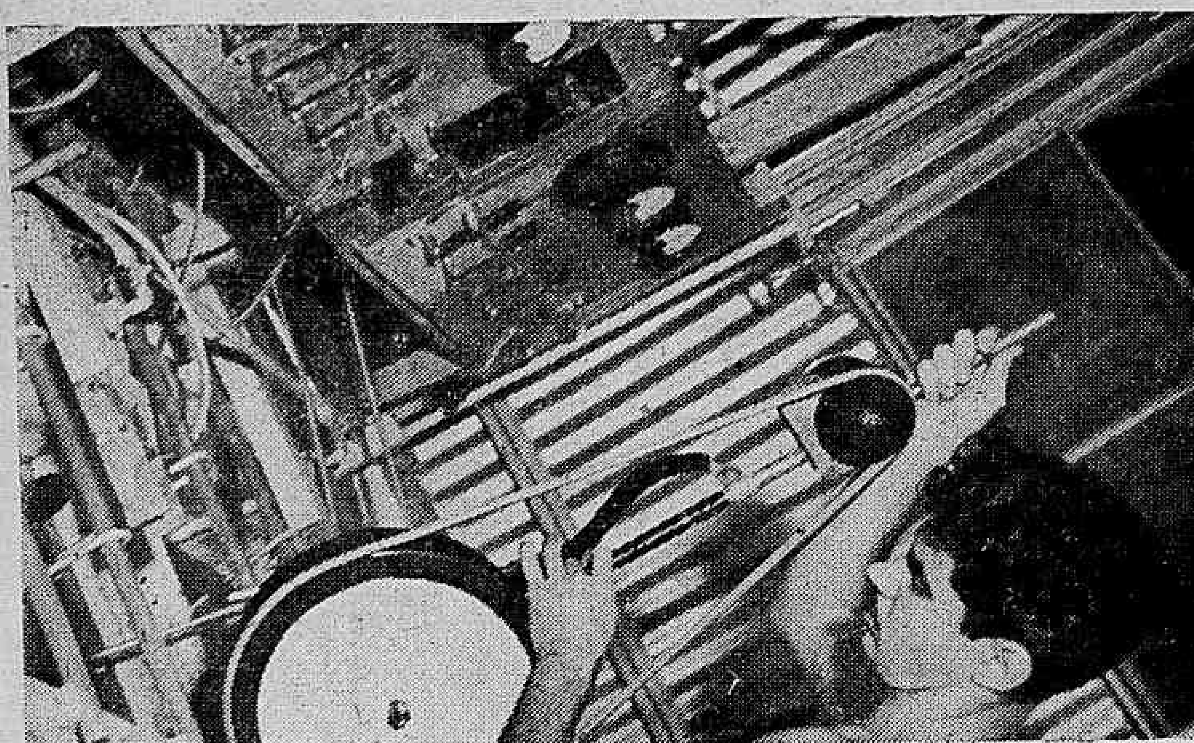
Depois de escolhida pelo diretor artístico e orquestrada pelo maestro arranjador, finalmente a música vai ser gravada. Primeiro a cantora ensaia a melodia, ainda pouco conhecida, sendo obrigada a ler a letra no caderno. Na foto, Mary Gonçalves.

QUANDO você amigo leitor compra um disco, não imagina o trabalho que deu a sua fabricação. Ouve e aprecia apenas o cantor ou a orquestra, mas não se lembra da legião de heróis desconhecidos que trabalhou para que você no aconchego de seu lar, pudesse ter o prazer de ouvir seu artista predileto.

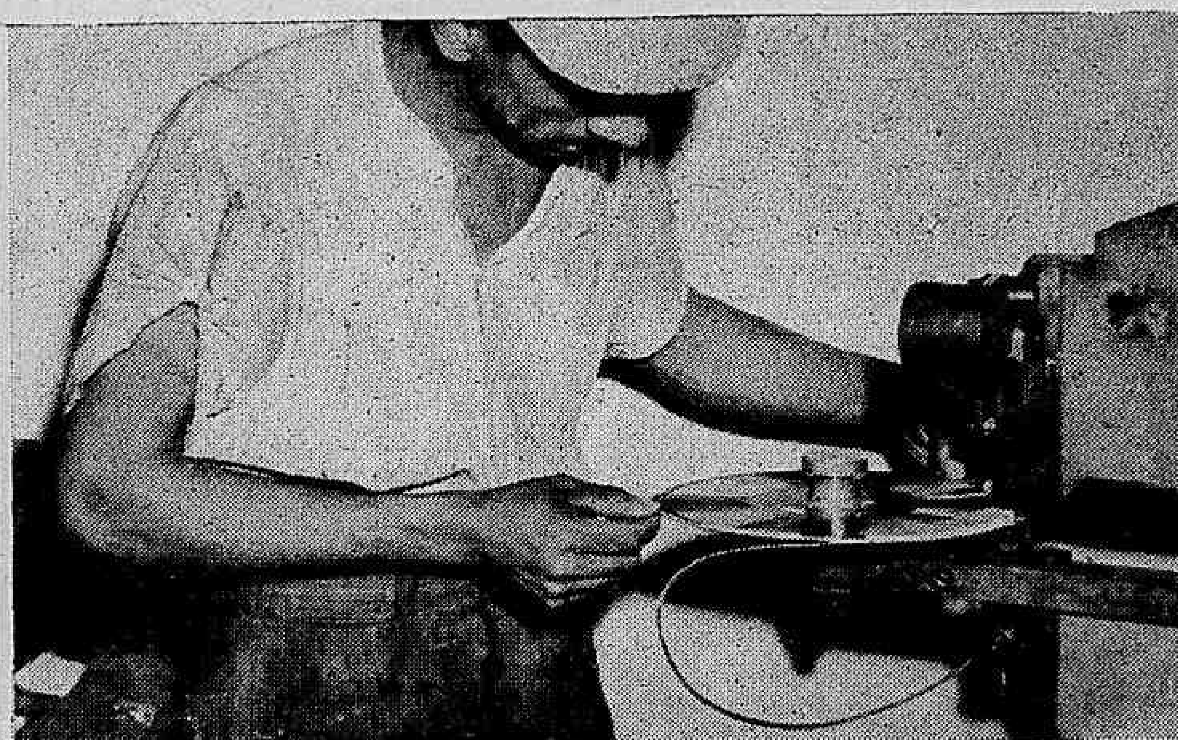
Nesta reportagem nos propomos a contar não só como é feito o disco, como também fazer um pouco de justiça àqueles que trabalham na sombra para o nosso confôrto espiritual. Êles são os responsáveis pelo sucesso ou fracasso de muitos grandes astros, de sua dedicação e de seu trabalho infatigável e cheio de minúcias dependem os grandes êxitos e as grandes vitórias no mundo dos discos...



Após ter sido bem ensaiada, a música vai ser gravada. Na foto vemos Elda Mayda e o conjunto «Os Copacabana» composto de Kuntz (clarinete), Quincas (sax), Gagliardi (trombone), Wagner (piston), Juvenal (contrabaixo) e Hugo (que é o bateria, tocando xilofone).



Na galvanoplastia, faz-se uma cópia do acetato em cobre e niquel para a produção da madre, contra-madre e stamper (matriz). Êsse é um trabalho muito delicado.



Neste aparelho a matriz é submetida à um corte circular para que possa acentar sem dificuldade nos anéis da prensa. Serviço que requer muito cuidado.



Nestas máquinas a massa destinada a fabricação do disco é preparada. Esta massa é cuidadosamente moída diversas vêzes, peneirada, misturada numa proporção rigorosamente certa, calandrada e finalmente laminada tomando a forma de pequenos quadrados (biscoitos).



Fase principal: prensagem: Vê-se numa prensa aberta as 2 matrizes que prensarão as faces A e B, bem como os rótulos e massa já reduzida à bolo. Na outra prensa vê-se um operário retirando um disco pronto, que é em seguida colocado num mandril separado por discos de feltro para evitar contáto.

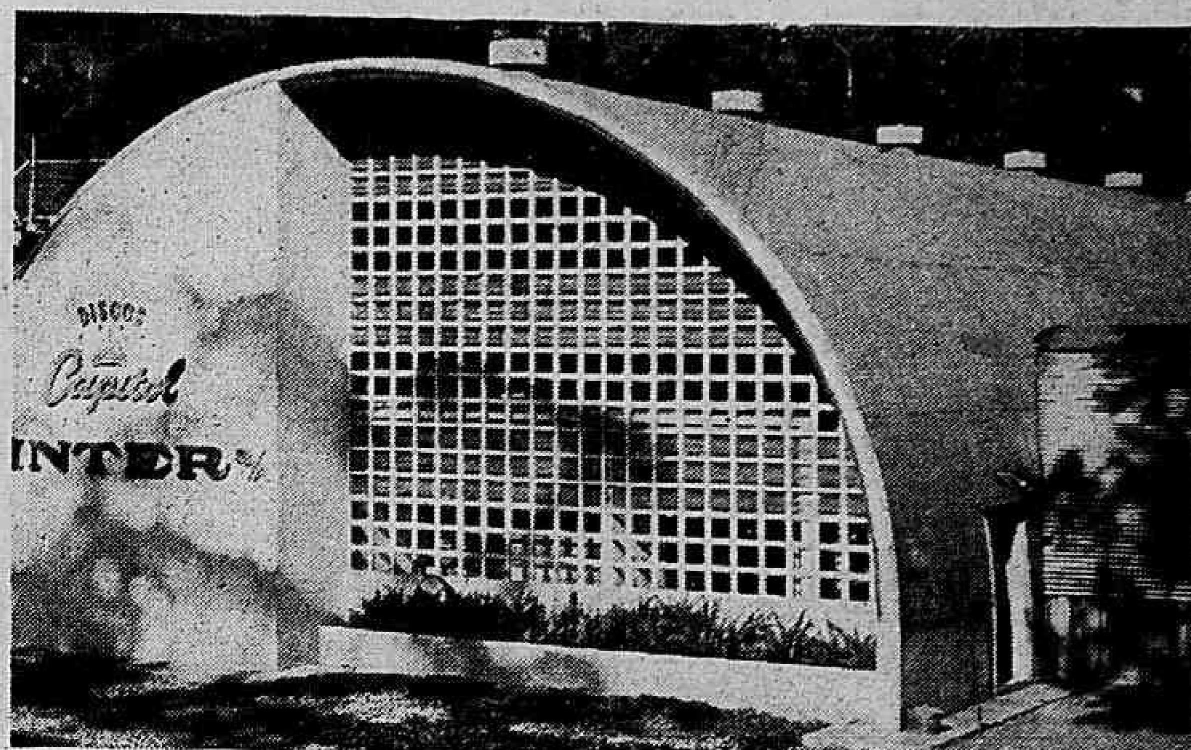
# COMO SE FAZ UM DISCO

**UMA COMPLETA ORGANIZAÇÃO TRABALHA NA SOMBRA ★ HERÓIS DESCONHECIDOS QUE SUSTENTAM UMA INDÚSTRIA ★ OS RESPONSÁVEIS PELO ÊXITO OU FRACASSO DOS GRANDES ASTROS DO DISCO.**

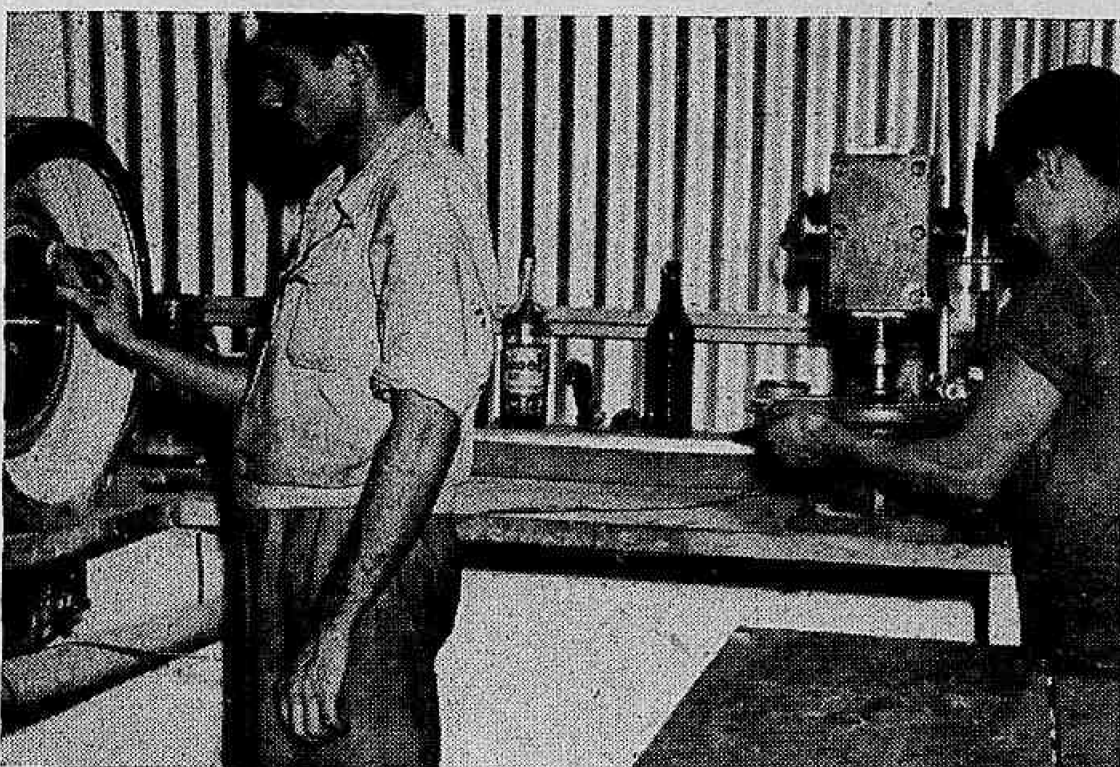
Texto de MAX GOLD ★ Fotos de NÓDGI



Enquanto isto na cabine começa o trabalho daquêles que o público não conhece. Cardoso, operador de som, controla a gravação em seu painel de instrumentos. Jay Ewbanks passa a gravação para o seu aparelho de fita e Paulo Serrano, observa ao microscópio a gravação do acetato.




O acetato chega a fábrica, que deve estar situada num lugar fresco. Levado ao laboratório o acetato é submetido à um processo químico, iniciando a fase de fabricação.



Em seguida a matriz procede-se ao polimento e centragem da matriz. A observação ao microscópio é destinada a localizar defeitos eventuais.



O disco é levado à máquina rebarbadora para lixamento e polimento dos bordos. Faz-se a revisão para verificação de possíveis defeitos, depois o disco é limpo, embalado e enviado ao depósito.



Do depósito os discos são expedidos às lojas e destas para o público. Assim, depois de tanto trabalho, o ouvinte pode deliciar-se com a música de sua predileção, sossegadamente em sua casa ou numa festa.

# Confissões de Maria Felix

### CAP. II

## INTRIGAS E CALÚNIAS

**A BELA ARTISTA INICIA SEU ESTRANHO RELATO ★ CASADA AOS 15 ANOS, SOFREU O SEU PRIMEIRO FRACASSO DE AMOR ★ POSSUI ONZE IRMÃOS, TRÊS MIL PARES DE SAPATOS E QUINHENTOS VESTIDOS ★ SUA SEGUNDA AVENTURA.**

De ALBERTO CONRADO ★ Exclusivo para "A CENA"

**«Sou uma eterna pedinte de amor que a vida me tem negado com crueldade».**

AQUELA tarde cinzenta, chuvosa na rua. Era dentro dos "sets" dos estúdios clara, azulada; de um azulado de fumo de cigarros, de focos, de câmeras e de olheiras.

Sentemo-nos aqui — disse-me Miss Felix — indicando-me uma mesa de um canto por trás de uma "girafa". Pediu café e "cherry" Ofereceu-me cigarros egípcios. Enquanto ela acendia um, a luz do encendedor iluminou por instantes seus olhos côr de ambar e seu perfíl de uma constituição delicida, aristocrática.

Vou começar a contar-lhe o que nunca confiei a ninguém. O que nunca se disse de Maria Felix. Com êsse sorriso muito sua, divinamente feminina.

Meu caro — disse pausadamente — não crê que se possa dar na vida o caso de "Pigmaleão"?

— E' possível, sim.

Mais adiante o senhor verificará que a mim me acontece alguma coisa disso... porém comecemos pelo princípio...

POESIA PURA

Deu uma baforada com seu cigarro, passou suas mãos pela sua farta cabeleira pousando-a sôbre os ombros e transportando-se ao passado, falou:

Nasci no mês de abril num bonito povoado de Sonora, México, chamado Alamos e, segundo me disseram, num dia alegre e luminoso. Tal como o recordo, Alamos era agradável e bonito. Algo assim como essas aldeias que George Ade tem descrito em qualquer parte, "como um povo que se encontra entre duas granjas". Tôdas as casas estavam adornadas com grandes e frondosas árvores. Tenho uma vaga recordação das enchentes dum rio que deveria estar perto de nossa casa. Nas noites de inverno se realizavam bailes nas granjas. E nos dias de primavera os rapazes iam pescar no rio.

ONZE IRMÃOS

— Maria cala: suas recordações ficaram na infância, longínqua já através de poucos anos.

— Algo interessante na sua infância? Não até cumprir os treze anos. Já é sabido. Os primeiros anos de uma criança se desenvolvem numa só rua da povoação ou num quarteirão de uma cidade durante anos que lhe parecem muito cumpridos. As simples travessu-



**«Tenho sempre observado os homens. Êles não amam a beleza; simplesmente a desejam».**

ras cotidianas, os primeiros êrros nas primeiras letras... coisas muito bonitas, mas sem nenhum interêsse público. Meus pais, Bernardo Felix e Josefina Guereña, tiveram muitos filhos. Somos onze irmãos, cinco homens e seis mulheres".

— E ao cumprir os treze anos?

AMOR E DIVORCIO

Chegou minha primeira aventura. Eu era uma garotinha vestida com roupas simples e típicas... e bela, diziam. Por êsses dias chegou a povoação um homem rico, acompanhado de criados. Enamorou-se de mim. Vinha tôdas as tardes a nossa casa e dava rédea solta a seus relatos de riqueza que eu escutava coibida e emocionada. Dois anos depois, pediu minha mão aos meus pais.

— Casou-se aos quinze anos?

Sim. Foi um fracasso. Meu primeiro fracasso matrimonial. Me tem tocado sempre perder no amor. Não posso explicar-me porque. Cupido deve estar zangado comigo. Deixamos Alamos e fomos radicar-nos em Guadalajar. Alí nos divorciamos. Aquilo não podia continuar. Meu marido lançava-me sempre em rostos seu dinheiro. Ele nunca estêve enamorado de mim nem eu dêle. Eu equivoquei-me por minha inexperiência. Ele, acreditou que cego pela minha beleza, também se tinha casado por amor... Um fracasso.

Depois não quiz regressar a minha povoação. Tinha ambição... Em Guadalajara fui a uma Academia de arte cénica onde aprendi canto, baile e declamação. Logo parti para Cidade do México. E alí me passou algo... Assisti a uma exibição de aquela inolvidável película de Leslie Howard, baseada na bábula de Bernard Shaw, "Pigmalião"; na minha mente ficou gravada uma cena magnífica... aquela noite onde a atriz do filme, Wendi Hiller, vestida como uma princêsa avança magestosamente na repercução internacional.

— Os "sets" mexicanos, onde estavamos, não era lugar propício para as confissões da bela mexicana pois os eletricistas pediu-nos licença para sairmos de onde estavamos pois precisavam daquele lugar.

Eu, já lhe havia advertido. Aqui não teremos tranqüilidade. Venha amanhã pela manhã a minha residência. Tomaremos um bom aperitivo e...

— Compôs um gesto que lhe é muito habitual e concluiu, antes de sair:

...Lhe falarei de meu segundo matrimônio... e de meu primeiro e único filho de quem tive que separar-me por ordem do juiz...

— Na manhã seguinte entrei na residência de Miss Felix. Dispunha-me a tocar a campainha quando chegaram dois homens apressadamente. Um dêles olhou-me insistentemente, como reconhecendo-me.

O jornalista brasileiro? — inquiriu com uma leve reverência.

— Sim senhor. O pintor Valdez Peza? (viria a encontrá-lo mais tarde no Festival do Uruguai).

— Nós temos visto antes... No aeroporto de Cidade México, creio. Apresentou-me a seu amigo:

O escritor Luis Basurio. Subia o senhor para ver a Maria?

Sim, respondi, Maria é muito amável. Se presta gentilmente para uma série de sensacionais reportagens que a revista brasileira a CENA MUDA difundira em todo o Brasil.

Senhor, queira acompanhar-me até uma confeitaria aqui perto. Enquanto tomamos alguma coisa nós acrescentaremos alguns dados para as "Confissões de Maria Felix": Mas acontece que ela me aguarda-adverti.

Um minuto, só um minuto. Faça-o pelos seus leitores.

Frente à uma mesa, o escritor começou:

E' sabido que o guarda-roupa de Maria é fabuloso... Mas pode você dar cifras. Possui a mitológica quantidade de mais de três mil pares de sapatos e mais de quinhentos vestidos para cada estação criados pelos modistas mais famosos do mundo.

Armando Valdez — acrescentou:

Sem contar os modelos mais espetaculares; os que usa nos seus filmes e que eu tenho a honra de desenhar... Creio que é a artista mais bem vestida do cinema.

Além do mais — continuou Basurio — tem jóias pelo valor de 16 milhões de cruzeiros.

Isso sem contar as pérolas e pedras preciosas que lhe presentiou recentemente um príncipe indú...

INTRIGAS E CALÚNIAS

— Um príncipe indú?...

— Como foi isso?

— Já se lho contará ela mesma. Outra coisa que Maria não lhe falará é o episódio dos jornalistas mexicanos... Êles têm o costume de otorgar um troféu ao melhor intérprete do ano. No decorrer de 1943 ofereceram seu prêmio a Maria pelo seu trabalho em "Dona Barbara" mas continuaram sua animosidade contra ela desde seus jornais. Então, Maria os reuniu em sua casa e lhes disse valentemente:

Nunca ofereço coquetéis aos jornalistas. E' por isso que me odeiam?. Que têm contra mim... Me dão valor como atriz porém me desprezam como pessoa...

Pôs em jôgo todos seus recursos e encantos, falou-lhes com sua voz envolvente e conquistou suas simpatias imediatamente. Daí em diante os jornalistas de sua terra voltaram a cantar-lhe louvores com maior entusiasmo do que antes.

— Entretanto — comentei — sei que não recebe os jornalistas fácilmente.

Não o faz — replica o pintor — porque naquele dia veio a saber pela boca dêles mesmos que movimentos de intriga e inveja no ambiente cinematográfico, tinham dito que ela era uma mulher orgulhosa e pedante que comprava a imprensa. As "estrêlas" famosas sentem ciúmes profissionais porque ninguém veste uma sala como ela e de ninguém se ocupa tanto a imprensa mundial como dela. Então optou por isolar-se. Querem que a julguem ùnicamente como atriz. E, no fundo, um nobre gésto de Maria.

MARIO EL CALAVERA

— Na sala de visitas, Maria Felix, recebe-me cordialmente.

Estavamos disse: — onde te ia contar o fracasso do meu segundo matrimônio. Numa festa conheci o engenheiro Palacios da Clasa Filmes Mundiais. Por causa dêle fiz meu primeiro filme "El peñon de las ánimas", com Jorge Negrete... Bem; mas para continuar o relato em ordem cronológica, devo dizer-lhe que antes de começar aquela mesma película, me enamorei...

— Outro fracasso?

Já o verá. Com o engenheiro Palacios fiz também minha primeira aparição no grande mundo. Foi no clássico baile do Country Club. Se encontravam presentes novos ricos, anciãs de tradição, mulheres "snobs" e demais componentes do que geralmente se chama aristocracia. Minhas jóias e meus vestidos distavam muito de ser do que são hoje, mas enquanto apareci nos salões, todos os olhares se concentraram em minha pessoa... e converti-me na dona do Country Club.

— Intentei interrompe-la, porém ela apressou-se:

Não, não. Não devo êsse triunfo a minha beleza. Simplesmente a melhor fórmula que possuo para o triunfo e que não me canço de recomendar: — a confiança em si mesmo. — Ali conheci a Mario, do trio "Los Calaveras". Melhor dito, me apresentaram a Mario porque conhecê-lo já o conhecia de vista. Se falou de matrimônio e de que deles se dá origem; a vida conjungal. Não tenho visto tema mais fértil nem que melhor enlaçe uma conversa. Como se está sempre, queira-se ou não, bordejando o libidino, os cavaleiros faziam alarde de mil ingeniosos eufemismos para dizer o que querem, enquanto que nós achamos ocasião sem fim para o abrigo do pudor, que é uma das coisas que nos caem melhor... Mario escutava indiferente a uns e outros. Parecia que nada daquilo lhe interessava o mais mínimo. Sòmente quando eu dizia algumas palavras, seus olhos se animavam e prestava atenção ao diálogo, porém sem intervir nêle para nada. Chegou o momento de dançar. Pensei que aproveitaria o grande pretexto do baile para aproximar-se de mim... Nem se mexeu. Saí para dançar com o engenheiro Palácios. Mario me olhava, com uma firmeza entre distraida e interessada. Estava claro que êste homem iniciava comigo uma tática sutil. Eu não direi nem muito menos que de conquista, mas sim de envolvente exploração...

Maria Felix, detem-se no seu relato e seus olhos muito abertos, se dirigem para um retrato de "Quí que", seu filho...



«Mario foi meu segundo marido... e meu segundo grande fracasso».

«Êle tinha iniciado comigo uma tática sútil e de envolvente exploração...»

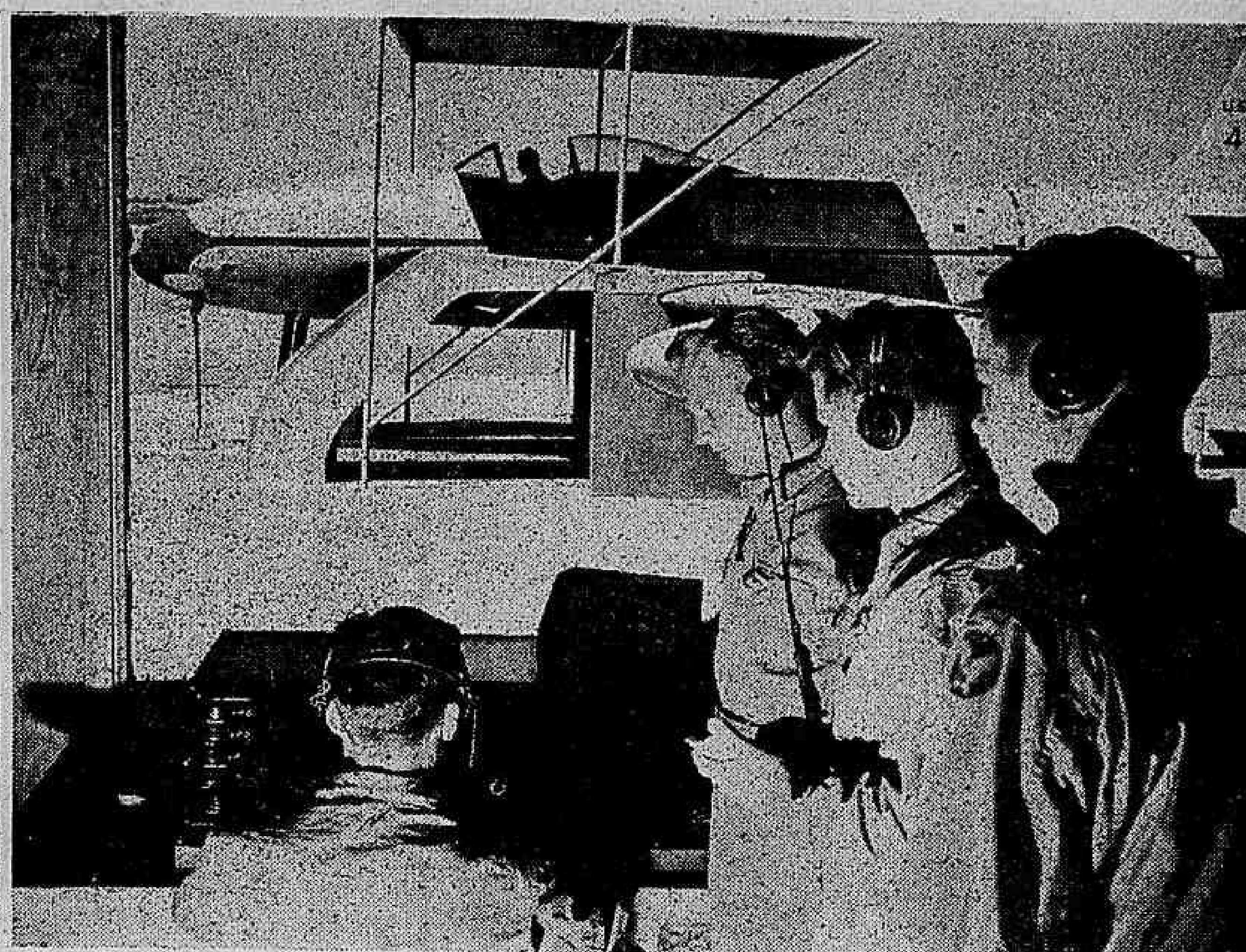
**NO PRÓXIMO NÚMERO:**

**O ROMANCE COM AGUSTIN LARA**

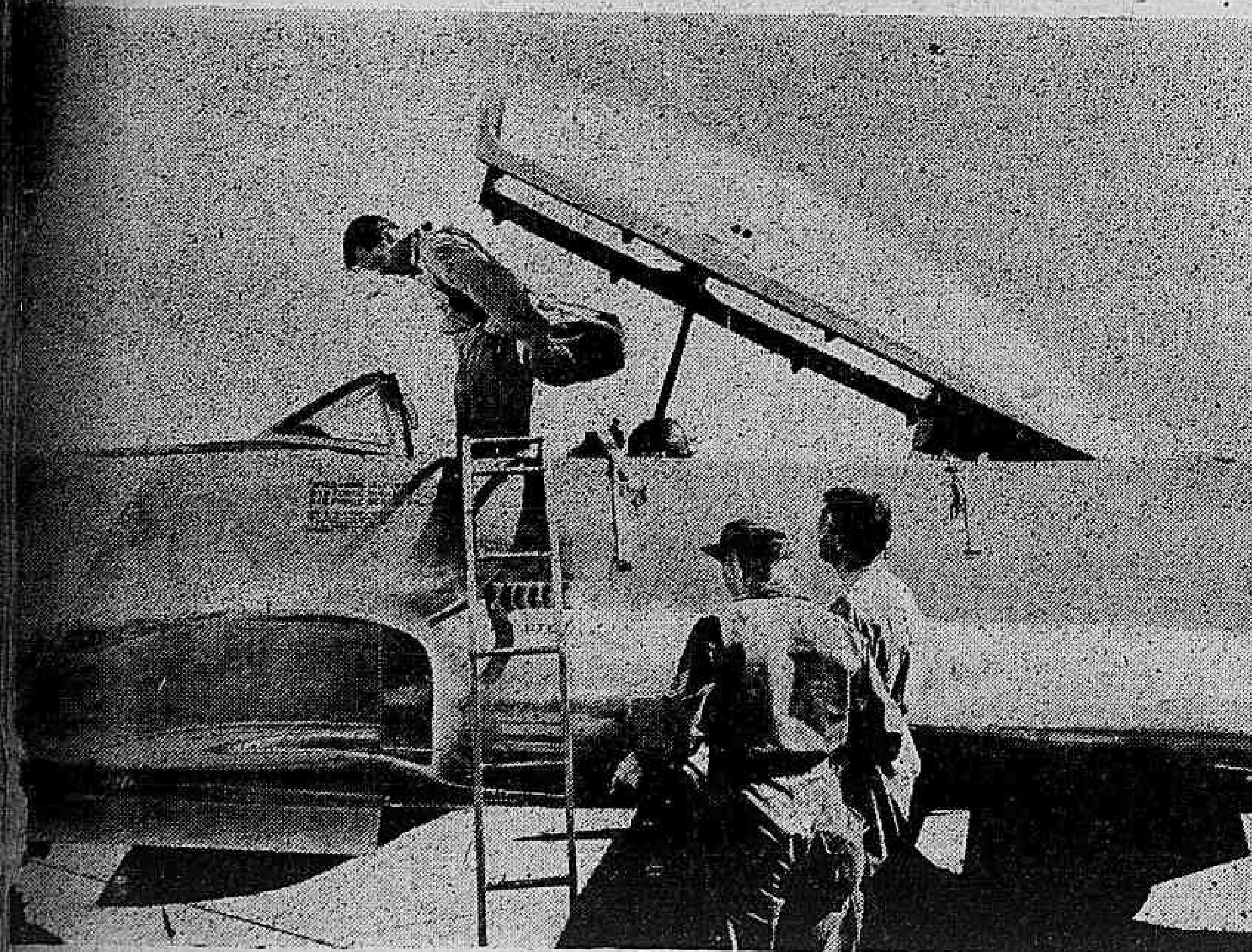
# VOCÊ TAMBÉM PODE SER UM
# PILÔTO DE PROVAS
## Se puder pensar mais depressa que o vento!



Um grupo de cadetes que aparece na película «Air Cadet», cujo treinamento se verifica na Base Aérea de Randolph. O grupo estuda atenciosamente as complicadas máquinas aéreas, incluindo os atores James Best, Richard Long e Alex Nicol. Tudo isso é necessário para ser um bom pilôto.



Depois de completado o treinamento básico e fundamental, os futuros pilotos dirigem-se para a Base Aérea de Williams, para vôos experimentais. Alí êles recebem mais uma série complicada de ensinamentos para enfrentar o espaço, como seja: contrôle e levantamento de vôo.



Richard Long procura acostumar-se aos novos métodos em sua atual «profissão». O paraquedas, que deve ser usado em casos de perigo, é utilizado com a maior rapidez. Mecânicamente, a máquina dêsse avião tem duas partes importantes, enquanto as dos demais aparelhos têm 60.

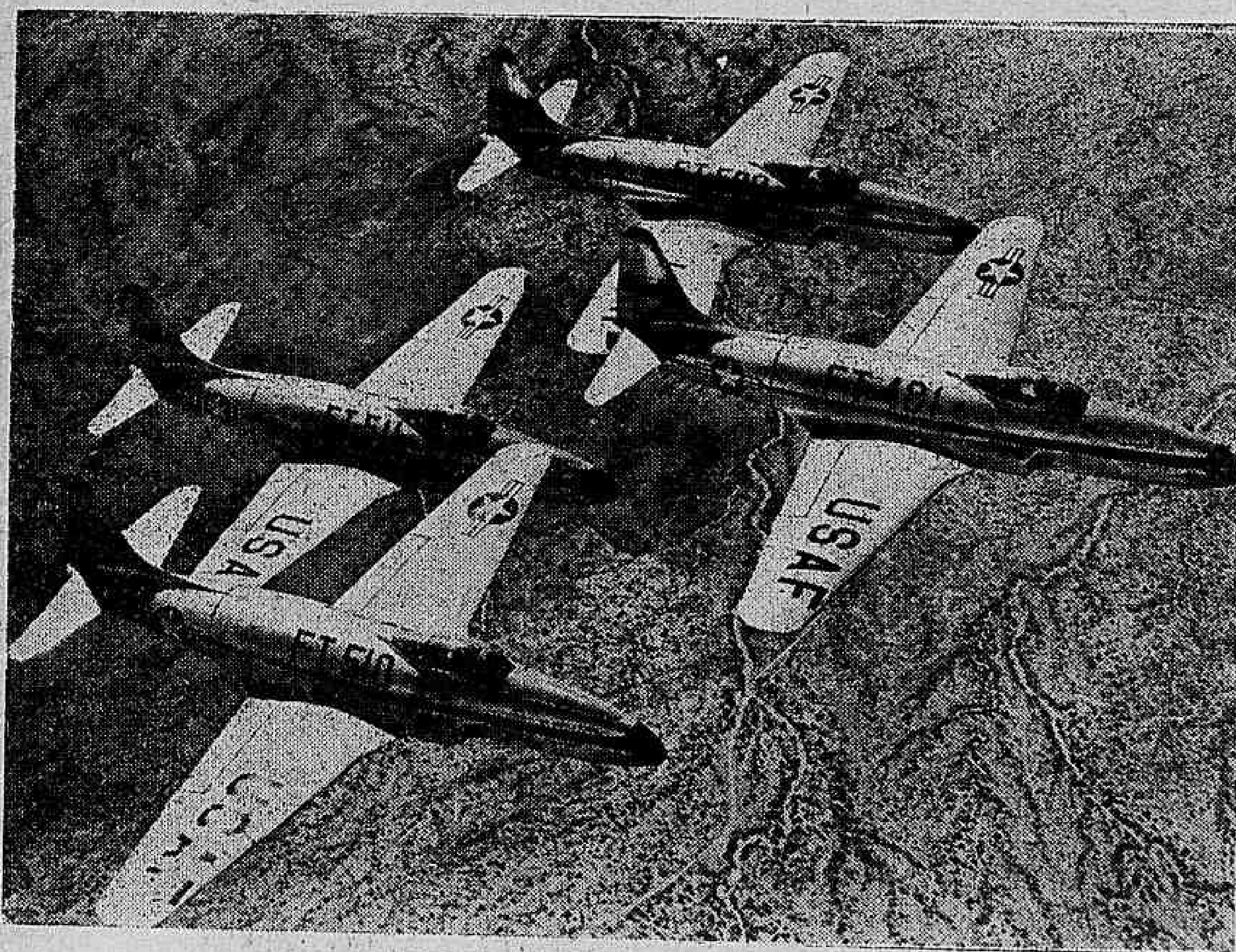


Finalmente, depois das primeiras experiências no ar, o pilôto volta à terra firme, pousando na Base de Williams. Depois de aproximadamente 4 horas no ar, o cadete sente-se dono de si mesmo, com mais um mundo conquistado. Aqui o vemos pronto e feliz para uma aterrissagem.

PODE você, como Buck Rogers, pensar mais depressa que o vento? Então você também poderá ser um pilôto de provas. Isso foi o que um grupo de atores de Hollywood acharam enquanto faziam uma nova fita onde se focalisa a preparação dos pilotos de provas aéreos. «Air Cadet», da U-International, nos mostra, pela primeira vez, o trei_ namento dos pilotos de prova da Fôrça Aérea, na luta do céu contra os «acrojets» — e também revela o pensamento e coração dêsses homens do espaço. Filmado na Randolph Air Force Base, Texas, e Williams Air Force Base, Arizona, a fita mostra a aprendizagem dos cadetes para o vôo e suas experiências com os novos aparelhos, que são utilizados pela primeira vez. Aparentemente, os leigos acham que esta é uma tarefa simples e fácil, mas se puderem imaginar o que será pensar à uma velocidade de 600 milhas por hora, compreenderão que êste é um dos mais difíceis e arriscados trabalhos, onde a vida de cada um está prêsa numa cronometragem de segundos.



Em tôdas as fases do vôo experimental, onde o pilôto procura adaptar-se às mais estranhas condições físicas e mentais, o futuro homem do espaço volta sempre à base a fim de submeter-se a téstes que possam definir as suas reações psíquicas e físicas durante o vôo.




Depois de 65 horas de treino, a 500 milhas horárias, com uma separação de apenas 18 polegadas entre as asas de cada avião, o pilôto está apto a exercer o seu cargo de extrema responsabilidade. Mas é preciso que o seu raciocínio seja mais veloz que o som. Do contrário, estará tudo perdido...

# PSICOLOGIA E MORAL DE UM FESTIVAL

## De RENÉ JEANNE

(Copyright S.F.I. — Exclusivo para «A CENA»)

CANNES, junho — O IV Festival Internacional do Filme, que acabou de realizar-se nesta cidade, foi, sem falsa modéstia, um triunfo que todos os que estiveram na Croisette podem testemunhar. Triunfo tanto mais significativo que a data da manifestação em vez de ser na época das férias passou para o começo da primavera. Não é tão fácil deslocar-se em abril como em setembro, contudo os representantes do cinema mundial, convidados pelo Govêrno francês a confrontar os seus melhores filmes, como os jornalistas em ligação telefônica com os seus jornais, afluiram ao Palácio do Festival como nunca. O número de filmes submetidos ao júri excedeu também tôdas as expectativas. E no entanto o Comité de organização limitara prudentemente a 3, em lugar de 4, o número de filmes que os paises de produção importante poderiam enviar a Cannes.

E' que se anunciaram inesperadas participações. Primeiro a URSS que desde 1946 não vinha a Cannes, data do primeiro Festival, no qual teve apreciáveis êxitos. Depois a Espanha, o Japão, o Brasil, a Grécia, o Uruguai, que não receiaram inscrever na grande prova o primeiro rebento da sua jovem produção.

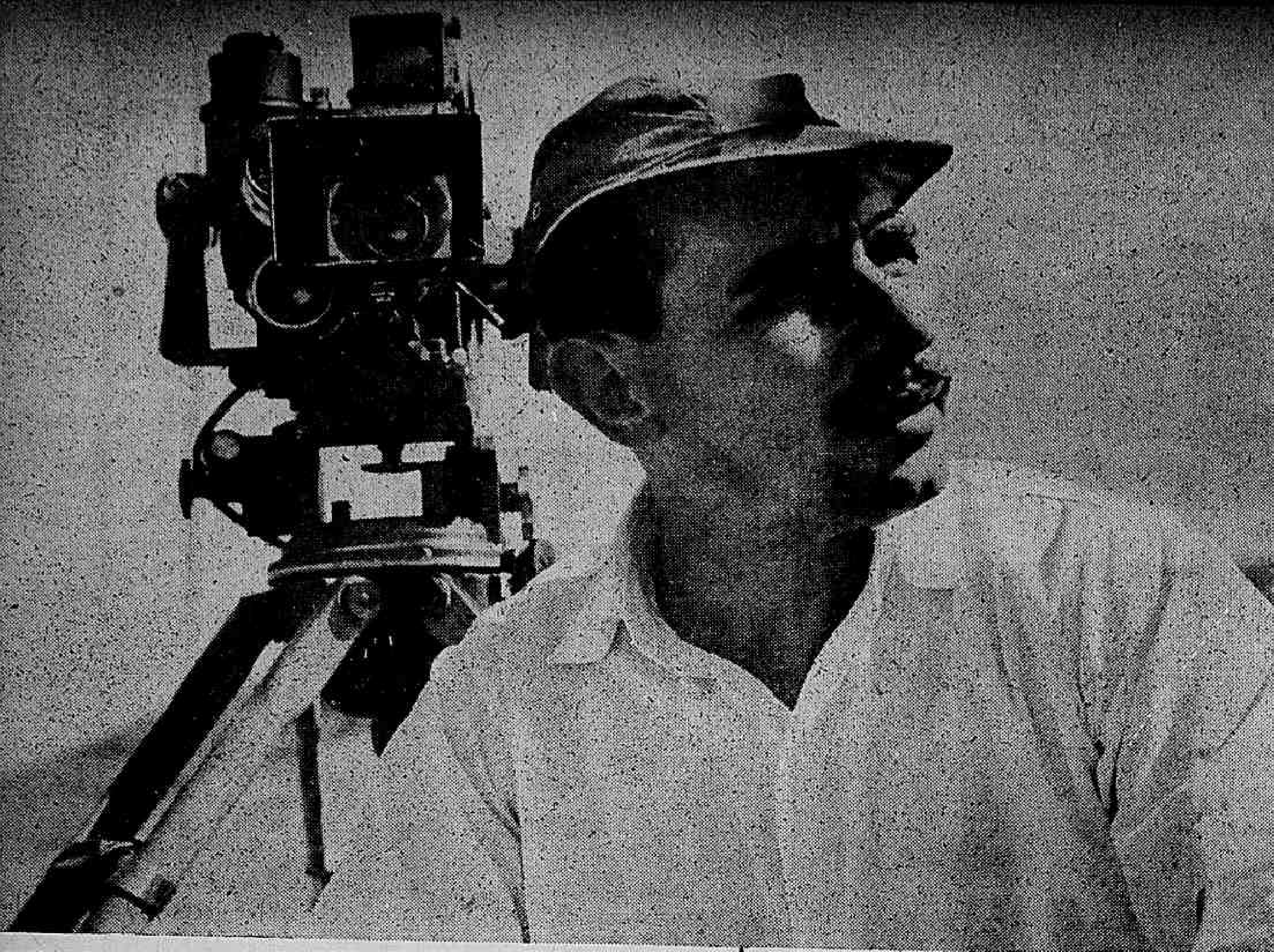
Assim, o Festival de Cannes entrou nos hábitos de todos aquêles que ocupam um lugar na vida cinematográfica, em qualquer latitude que se encontram. Têm razão, pois, aquêles que, sem se deixarem impressionar pela proliferação um pouco caótica que caracteriza o Festival desde a Paz, sempre afirmaram que o Tempo se encarregará de pôr tudo em ordem e que são sempre os melhores que acabam por ganhar.

Os que ganham por agora são o Festival de Cannes e o Bienal de Veneza, e o fato de a França escolher a primavera para a realização da competição não é de certo estranho a esta evolução. Por consequência, quer se trate do assentimento dos convidados do Govêrno francês, quer das condições em que se desenrolaram durante 18 dias as manifestações de Cannes, êxito em tôda linha. Todavia uma sombra ofusca um pouco o brilho do Festival.

Na véspera da guerra, a Bienal de Veneza constatara o perigoso que é em matéria de Cinema, de se deixar levar em consideração ideologias ou politicas que lhe são alheias. Esta situação era tão evidente e embaraçosa para alguns que não é arriscado pensar que daí veio a necessidade da criação do Festival francês, realizado pela primeira vez — e que se esquece fàcilmente — em setembro de 1939... Em Cannes precisamente... Êste mesmo perigo surgiu em Cannes, o mês passado. Não exatamente como em Veneza, pois a França só é responsável de ter sido muito acolhedora e muito escrupulosamente respeitadora dos direitos dos seus convidados. Mas os fatos falam de si.

Um Festival como o de Cannes é um vaso em que a menor palavra tem ressonâncias e o menor gesto imprevisiveis prolongamentos: a mais anodina das comédias sentimentais, o mais convencional dos melodramas, transforma-se aqui num ninho de viboras. Ai de nós, não foram comédias sentimentais nem convencionais melodramas que muitos paises delegaram em Cannes, mas exposições, lições, demonstrações, teses, em que as qualidades cinematográficas desapareciam subvertidas por intenções politicas e sociais. Sem dúvida, de tal estado de coisas deve-se acusar o rigor à criação da beleza. Mas estéril lamentar-se: é preciso evitar o perigo que sentimos pairar sôbre Cannes. Um Festival cinematográfico não é uma tribuna de propaganda. Um filme tem o direito de ser uma distração sem segundos sentidos. Em Cannes, em Veneza e algures. O Govêrno francês vendo na escolha de filmes enviados pelos Governos que convida uma manifestação da soberania nacional, tem-se até aqui restringido de exercer qualquer contrôle. Tem, sem dúvida, razão. Na véspera da inauguração do Festival tê-lo-íamos gritado.

Depois de certos filmes projetados em Cannes, hesitamos. E ficamos sem saber se, visto que são tantos os filmes que obedecem a considerações extra-cinematográficas, não conviria nos próximos Festivais organizar o contrôle prévio dos filmes inscritos. Tal medida provocaria provàvelmente criticas, mas é possivel que essas criticas valessem mais do que os perigosos incidentes que se podem dar mais tarde. A menos que todos os interessados estejam dispostos a corresponder ao sentido de liberdade a que deu prova o Govêrno francês com igual respeito e sensatez. Esta condição é indispensável para que a arte cinematográfica possa continuar a gozar dêste magnifico meio de emulação, dêste precioso instrumento de progresso que constituem os Festivais de Cannes e de Veneza.



O homem e a máquina de filmar. (Ruy).

# ENTRE O DOCUMENTÁRIO E A FICÇÃO

## RUY SANTOS, CINEGRAFISTA DE FUTURO ★ MEMBRO DA UNIÃO MUNDIAL DE DOCUMENTARISTAS ★ 14 ANOS DE EXPERIÊNCIA ★ LAUREADO NO BRASIL E NA EUROPA ★ DIRETOR DE "AGLAIA" ★ VAI FAZER UM FILME COM CAVALCANTI

**Reportagem de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA**

QUEM no Brasil tem interêsse por cinema que já não ouviu falar em Ruy Santos? Todo o mundo sabe que **Ruy Santos é um rapaz** direito e tem crédito em qualquer estúdio. O que tem de talento, tem de modéstia. Conhece a câmara Mitchell e a Super-Parvo como as palmas das mãos direita e esquerda. Olhar à esquerda, volver!... Ruy Santos, inclusive, já tem prêmios no Brasil e no estrangeiro. Sabiam que o seu famoso documentário "Sinfonia Carioca" foi premiado em Karlovy-Vary, na Tchecoslováquia? Pois foi.

Ruy, carioca de nascimento, é bem moço ainda: 34 anos apenas. E' casado mas é, também, um brincalhão de marca... Seu "debut" cinematográfico ocorreu em 1936, quando filmou, como assistente-de-câmara, integrando a equipe que assassiou um dos poucos romances decentes do cabeça-chata Zé Lins do Rêgo, flamengo, fiscal do consumo e falso crítico de cinema... "Pureza" resultou num dos maiores *abacaxis* da história do cinema brasileiro. Mas não por culpa de Ruy Santos, que nada tinha com isso. "Pureza" foi um exercício escolar. Depois o aluno filmou os exteriores de "Alma e corpo de uma raça", aquela película esportiva em que a Lígia aparecia de maiô (oba, oba!...) e também os exteriores de "Maria Bonita", outro terrível *abacaxi*, cuja única curiosidade era o aparecimento de um sujeito meio cretino, ator horroroso que vivia a mexer com os brotinhos figurantes (não se sabe mesmo para que, pois o rapaz não poderia "agir"...) e hoje é metido a "crítico" e moralista, tapeando em boas condições a turma da A.C., o ilustre israelita arrependido Isaac Tapuia... Nessa altura, Ruy Santos tomou um novo rumo: aderiu ao documentário, largando por uns tempos a longa metragem. Aí, no setor que tornou famosos Cavalcanti, Paul Rotha, Flaherty e outros "bambas" é que Ruy sentiu a sua verdadeira vocação. "Terra Sêca", "A luta contra a morte", "Debret e o Rio de hoje", "A jangada voltou só" constituíram vitórias muito expressivas para o cinegrafista ainda jovem, mas esforçado, inteligente e cheio de esperanças.

Mas a verdade é que, no Brasil o documentário ainda passa por uma fase precária. Ruy precisava viver e novamente cuidou de realizar alguns trabalhos de ficção. Para Lulu DeMille,. isto é, Luís de Barros, cinegrafou "O Malandro e a Grã-Fina", aquela comédia razoável feita em 1947. Ruy abiscoitou o Prêmio de Melhor Fotografia do Ano, laurel criado pela Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos (A.B.C.C.). Simultâneamente, veio a fase das realizações políticas e o jovem cinegrafista, consciente profissional e consciente social, trabalhou com paciência e entusiasmo, criando o famoso "short" sôbre o "Comício do Pacaembu" e mais tarde o documentário de longa metragem "Vinte-e-quatro anos de lutas". Exibidos na Europa, êsses filmes provocaram admiração e surprêsa. Ruy foi convidado a participar da União Mundial dos Documentaristas, a que se filiou. Figura, pois, com grande honra ao lado de Paul Strand, Joris Ivens e outros célebres cineastas do gênero.

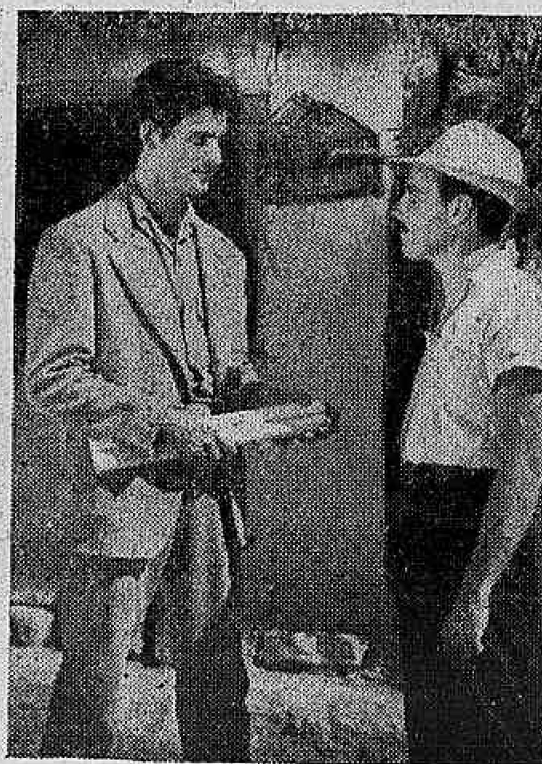
Continuando a trabalhar para viver, Ruy cinegrafou "Estrêla da Manhã", de triste memória. Todavia, o seu trabalho, exceto em sequências interiores, onde a absoluta falta de material técnico prejudicou sensivelmente a sua ação, foi de uma lisura a tôda prova e em cenas exteriores alcançou mesmo momentos de grande beleza, de aproveitamento estético da paisagem e dos objetos esplêndida. "Maria da Praia" foi a realização seguinte de Ruy Santos, como iluminador e "cameraman", ao mesmo tempo, desde "Estrêla da Manhã", aliás. Em reportagem anterior já mostrei os valores substanciais de "Maria da Praia" que, sem dúvida, muito ganhou com o concurso não apenas valioso, mas indispensável, de Ruy, em filmes cujo tema gira a respeito do mar. Dizem que Ruy "colou" bem com Paulo Wanderley, um sujeito *irremediàvelmente* inteligente e de profundo conhecimento da Sétima Arte, uma vocação irrecusável, incubada há 20 anos, que explode agora num trabalho de fôlego.

E', todavia, em "Aglaia", filme

(*Cont. na pág.* 28)



Momento dramtica (Fernando e Rute em «Aglaia»)



Tomada média de fora para dentro (Fernando e João Péricles).



Bárbara Hale é mesmo bonita, tendo sido coroada no colégio a «Rainha de Maio, vencendo também vários concursos de beleza em sua terra natal.

# QUERIA SER JORNALISTA

## MAS ACABOU NO CINEMA ONDE JÁ FÊZ 15 FITAS

COMO resultado de sua "performance" em um dos mais ambicionados filmes que Hollwood poderia oferecer a uma "estrêla" no ano passado — o de Mrs. Al Jolson em "O Trovador Inolvidável" — à encantadora Barbara Hale foram dados os principais papéis femininos de três excelentes filmes: "Três é Demais" (And Baby Makes Three), alta comédia com Robert Yoreng; "Doutôra, tenho febre!", novamente com Larry Parks; e, finalmente, "O Castelo Invencível", versão cinematográfica da famosa novela de Blackmore "Lorna Doone", com Richard Greene e finalmente em côres pela "Technicolor".

Barbara nasceu no Estado de Illinois, na cidade de DeKalb, cresceu e educou-se em Rockfor. Filha de Luther Ezra e Willa Colvin Hale, americanos descendentes de irlandeses e escosseses que viveram muitos anos no sul. A linda Barbara já quis ser uma porção de coisas nesta vida. Até aos 12 anos de idade estudou baile. Depois meteu-se no teatro de estudantes de Rockford e sonhou tornar-se uma grande atriz dramática. Já moça, pensou ser jornalista. Isso passou e sonhou ser enfermeira. Aliás até hoje Barbara mostra-se sempre interessada por assuntos jornalísticos, certamente reminiscências do tempo em que pensou ser repórter. Mas em verdade o que ela sempre foi... foi e é — uma mulher bonita!

No colégio de Rockford chegou a ser coroada a Rainha de Maio e venceu uma porção de concursos de beleza na sua terra. Graduada, abalou-se para Chicago, matriculando-se na Academy of Fine Arts, com intenção de ser pintora. Mas ela era muito bonita para isso! Acabou como modêlo. E modêlo de Corinne e Al Seaman, casal que se tornou famoso pela beleza das garôtas do seu "Models Bureau". Foi Al quem um belo dia, sem que Barbara o soubesse, mandou uma fotografia sua para um "executive" de Hollywood muito seu amigo. O homem, mal viu a foto, não teve dúvidas: enviou um perito para Chigaco e o resultado foi que uma semana depois Barbara Hale desembarcava em Hollywood, contratada pela RKO-Radio. E 24 horas depois já estava diante das "câmeras" fazendo o seu primeiro papel no cinema, no filme "Gildersleeve Bad Day".

Barbara Hale é uma criatura incuravelmente sentimental. Guarda tôdas as cartas que recebe dos amigos e tem mesmo uma enorme mala cheia delas. De cartas e fotos. Gosta de colecionar discos. Quase não usa maquilagem. Quando está trabalhando nos estúdios levanta-se as seis horas da manhã. E quando não está ninguem a tira da cama antes das oito e meia.

Casou-se em junho de 1946 com Bill Williams e fêz questão que a cerimônia religiosa se realizasse na igreja de Rockford. O casal tem uma filha — Barbara Willa Johanna — nascida no dia 24 de julho de 1947.

Barbara e Williams nunca são vistos nos clubes noturnos ou em festas em Hollywood. Vivem retirados em uma ampla casa do Vale de San Fernando, para onde êles mudaram-se justamente no dia em que começou a filmagem de "Doutora, tenho Febre!".

Barbara Hale está atualmente contratada pela Columbia. Já estreiou quinze filmes, os três mais recentes dos quais são os que foram citados no início desta história. Apesar disso ela tem sempre arranjado tempo para fazer uns quitutes sulinos, pois que é excelente cozinheira. E também para se fazer algum esporte e para assistir a partidas de futebol, que é o seu fraco.



Com Bob Young, ela aparece aqui em seu mais recente trabalho: «Três é Demais».



Bárbara é considerada uma excelente comediante. Ao menos isso atestam suas últimas pelícuIas.

# PORTUGAL

*O realizador Armando da Silva Brandão concluiu os trabalhos de filmagem da película de curta-metragem "A Canção de Embalar", produzida pelo dr. Domingos Mascarenhas e tendo por operador Aurélio Rodrigues, produção que mereceu um subsídio do Fundo do Cinema Nacional. O filme tem como intérpretes os artistas Júlia Barroso, jovem vedeta do teatro e do rádio, e Ruy de Carvalho, um ator recém-saído do nosso Conservatório Dramático e que está a marcar um lugar de muito destaque entre os artistas da nova geração. ★ JORGE BRUM DO CANTO, um realizador dos de maior prestígio do cinema português, partiu para a nossa província ultramarina de Moçambique, na África Oriental Portuguêsa, aonde vai dar início aos trabalhos de preparação do seu filme "Chaimite", beneficiado pelo Fundo do Cinema Nacional e onde será evocada a gesta heróica da ocupação portuguêsa da África, nos fins do século passado. ★ NOS ESTÚDIOS de Cinelândia, hoje já muito bem apetrechados — sendo até os únicos entre nós, trabalham pelo moderno processo de gravação magnética — e que se encontram sob a direção do técnico competentíssimo que é César de Sá, tem prosseguido a realização do filme "Um Marido Solteiro" num excelente ritmo de trabalho e com ótimos resultados técnicos e artísticos. Fernando Garcia, seu realizador, conta ter o filme terminado dentro de três semanas. Interpreta os principais papéis de "Um Marido Solteiro" um grupo de excelentes atores, muito queridos do nosso público, destacando-se, dentre êles, os nomes de Laura Alves, Manuel Santos Carvalho, Eugênio Salvador e Alves da Costa, que o ano passado alcançou o prêmio do Secretariado Nacional da Informação para a melhor interpretação masculina do ano.*



**MARIO LANZA** viverá em «O Grande Caruso», a figura do maior intérprete do «bel-canto» em todo o mundo, Enrico Caruso.

sucesso. A Noruega e Suécia — pátria dos seis homens de ciência que realizaram a expedição. Os Estados Unidos, onde a expedição foi organizada, no Clube de Exploradores, tendo o exército norte-americano fornecido os víveres para a viagem. O Equador — onde se construiu a balsa, com a madeira especial que lá se encontra. Peru — ponto de partida da viagem. E França, a quem pertence as ilhas Tuamotu, ponto de desembarque dos exploradores. ★ MARGALO GILMORE EM "BEHAVE YOURSELF" — *Hollywood, Cal.* — Margalo Gilmore, brilhante atriz da Broadway, levada para Hollywood por Jerry Wald em 1949, e Allen Jenkins, favorito do público durante longo tempo, foram contratados para desempenhar os papéis principais da produção inicial de Wald-Krasna para a RKO-Radio, "Behave Yourself". Farley Granger e Shelley Winters terão partes importantes também no filme. Miss Gilmore, que foi estrêla de muitas peças de sucesso do Teatro Guild, em Nova York, estreou no cinema em "Perfect Strangers", que Jerry Wald produziu para a Warner Bros. Desde então, tem estado trabalhando para vários Estúdios, sendo "The Law and the Lady Lovely", para a MGM, ao lado de Greer Garson, a última película em que tomou parte. Em "Behave Yourself", fará o papel de mãe de Shelley Winters. Allen Jenkins fará o papel de um detective. Será uma espécie de volta do ator ao cinema. Durante algum tempo, êle tem trabalhado numa fábrica de aviões, "para ajudar no esfôrço de guerra". Stanley Rubin é o produtor associado do filme, o qual será dirigido por George Beck, autor também do argumento dessa película. O elenco inclui William Demarest, Francis L. Sullivan, Lon Chaney Jr., e Elisha Cook Jr. ★ OITO ANOS DEPOIS — Em 1942, uma menina de treze anos chamada Helen Koford, comoveu-se ao fazer o papel de irmã de Victor Mature no filme "My Gal Sal". Victor deu-lhe uma moeda de 5 centavos, dizendo-lhe: "Dê-me um telefonema, quando você completar dezoito anos". Hoje, a mesma atriz, sob o nome de Terry Moore, faz o papel de namorada de Victor Mature no

(Cont. na pg. 28)



**JANET LEIGH**, além de ótima atriz, é também uma exímia dançarina, em «Two Tickets to Broadway» o novo tecnicolor da RKO, ela tem oportunidade de mostrar esta nova faceta do seu talento. Ei-la neste flagrante recebendo instruções da bailarina Marge Champion, num intervalo das filmagens de «Vinho, mulheres e música» (Totickets to Broadway). Por sinal dizem que Miss Leigh aprendeu depressa e tornou-se uma exímia representante da arte de Terpsicore.



**NA CARREIRA** de todos os astros do cinema, há mil e umas situações imprevistas que exigem dos mesmos algo mais do que talento. A habilidade é também uma das qualidades das quais o artista não pode prescindir. Sally Forest, por exemplo tem que se mostrar exímia jogadora de tênis, a fim de interpretar o papel que lhe coube em «Hard, Fast and Beautiful». Ei-la, pois, recebendo instruções da treinadora Eleanor Tennant, pois Sally nunca praticou êste esporte antes.



**O CASAL BOGART** em sua viagem pela Europa com destino à Africa, estêve recentemente em Roma. Humphrey Bogart que conta atualmente 51 anos, casou-se em 45, escolhendo Lauren Bacall para sua quarta espôsa. Na foto vemos o famoso casal quando passeava pelas ruas da velha capital italiana. Na África Humphrey Bogart filmará as cenas de «A rainha africana», seu mais recente trabalho. Humphrey, é sem dúvida, um dos veteranos do cinema que se mantém ainda em boa forma.



**RICARDO MONTALBAN**, o astro da Metro, que nos visitou recentemente, é sem dúvida um dos artistas mais simpáticos dos quantos temos conhecido. Na visita que fêz ao nosso país em companhia de Georgiana, sua espôsa, e irmã de Loretta Young, Dick fêz inúmeras amizades. Apesar de tôda sua forma no entanto êle se conserva um homem simples e despretencioso, dedicando-se inteiramente à sua espôsa e seus três encantadores filhos, com os quais o vemos na gravura acima.

# Flashes Mundiais

## INGLATERRA



**DOIS NOVOS** astros britânicos serão oportunamente conhecidos dos fãs brasileiros, por intermédio de «Laugater in Paradise». São êles Verônica Hurst, uma interessante «estrêla» de dezenove anos e a nova descoberta Anthony Steel. Ambos formam o par romântico desta nova produção inglêsa.

*PARA os fãs de David Farrar e Jean Simmons, aqui vai uma noticia que por certo muito os agradará, êles vêm aí juntos pela terceira vez em "Cage of Gold", que Arthur Rank distribuirá por intermédio da Universal. Esta famosa dupla de astros britânicos apareceu pela primeira vez na tela em "Meet Sexton Blake", no ano de 1944, depois fizeram mais recentemente "Narciso Negro", e por fim estão juntos em "Cage of Gold". Embora tivessem atuado ambos em "Meet Sexton Blake", Farrar e Simmons não tiveram oportunidade de se conhecer, pois Jean, ainda uma principiante, trabalhou sòmente um dia durante tôda a filmagem, recèbendo pelo seu trabalho a importância de quarenta dólares pela sua breve atuação. ★ ENCONTRA-SE em Londres, aonde foi a convite do British Council e com uma bôlsa de estudos do Fundo do Cinema Nacional, o conhecido realizador Antônio Lopes Ribeiro, figura das de maior destaque dentro do cinema português. A. Lopes Ribeiro vai frequentar um Curso sôbre produção de filmes na Grã Bretanha. Dada a circunstância de ser muito restrito o número de técnicos de todo o mundo admitidos àquele curso, o fato representa uma distinção que, honrando aquêle técnico, honra igualmente o cinema português. ★ ALEC GUINESS, o ótimo ator caracteristico inglês, que nos deu o Disraeli de "O Garôto e a Rainha", vai aparecer pela primeira vez sem caracterização alguma em "Last Holyday".*

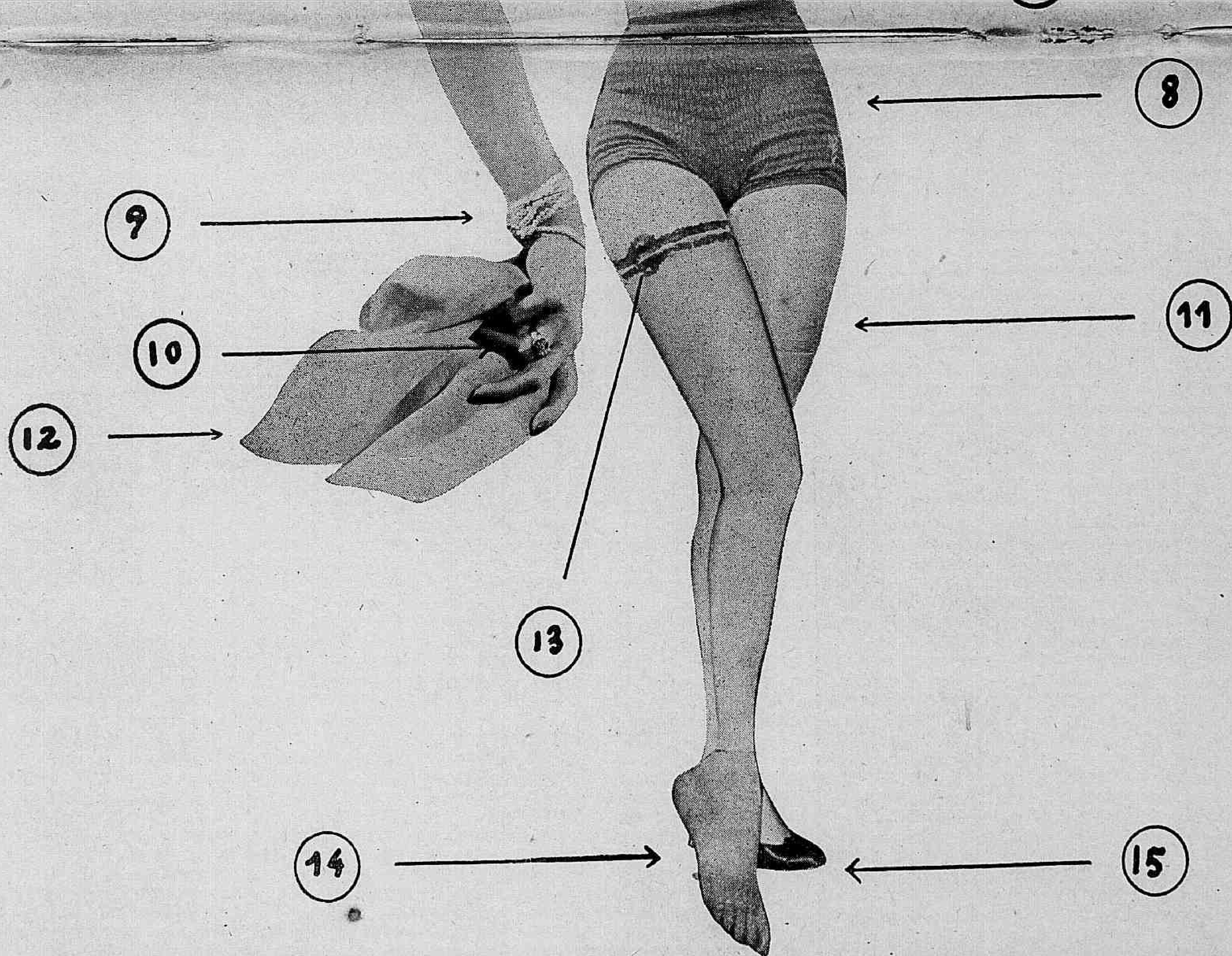
## ESTADOS UNIDOS

HOWARD HUGHES contratou Alan Young, eleito recentemente o melhor ator de televisão, no ano passado, para interpretar o papel de Androcles da clássica comédia de Bernard Shaw "Androcles e o Leão", que será produzida por Gabriel Pascal para a RKO. A rodagem do filme, já iniciada nos meados de maio, inclui no elenco Jean Simmons, Robert Newton, George Sanders e James Donald. Consta que o acôrdo entre Hughes e Young envolve várias produções, não tendo sido assinado o contrato até que se eliminassem outros compromissos anteriores do artista. Alan Young, natural da Escócia, iniciou sua carreira artistica no Canadá, trabalhando no rádio, tanto em Vancouver como em Toronto. Começou em Hollywood com a 20th Century-Fox, deixando, entretanto, o cinema, depois de fazer três filmes, para se dedicar inteiramente ao rádio e à televisão. ★ BETTE DAVIS RECEBE O TROFÉU N. 26 — Bette Davis recebeu vinte-e-seis prêmios em sua carreira artistica. Dois dêsses prêmios e dois "Oscars" foram da Academia de Hollywood. Bette Davis acaba de obter mais um grande triunfo com seu trabalho em "Payment in Demand", drama que está sendo exibido atualmente em Radio City Music Hall. E' uma produção de Skirball e Mnning, distribuida pela RKO-Radio. ★ SAMUEL GOLDWYN fêz um novo contrato com Farley Granger, renovando-se as condições de trabalho entre o jovem astro e o veterano produtor. Sob os têrmos do novo contrato, Farley, que é considerado por Goldwyn como o mais popular dos jovens galãs da tela, terá um considerável aumento de salário. — "Dei a Granger êsse novo contrato, — declarou o velho produtor, depois da assinatura do documento,—porque acho que êle tem mais do que direito. E' um trabalhador consciente e se tem desempenhado de suas tarefas de uma maneira excelente. E' justo que ganhe mais." Granger foi descoberto por Goldwyn há nove anos, quando ainda se achava na Escola Superior. Sem experiência prévia, foi elevado por Goldwyn à categoria de astro, tornando-se uma das mais populares personalidades do cinema. A primeira fita de Farley para Goldwyn, sob o novo contrato, será "I want You", da qual também participará Dana Andrews. Essa produção será iniciada dentro de algumas semanas. ★ REGRESSO DAS BELEZAS DE SAMUEL GOLDWYN — Samuel Goldwyn comprou os direitos de "That Great American Pastime", anunciando que o filme trará de volta as "Belezas de Goldwyn". Trata-se de uma história de jovens que jogam o "softball", com a participação de 14 beldades. ★ SEIS NAÇÕES, EM "KON-TIKI" — Seis nações tomam parte em "Kon-Tiki", o filme que a RKO acaba de estrear com tanto

(Cont. na pág. anterior)

"ESTA PERSONAGEM É FICTÍCIA; QUALQUER SEMELHANÇA COM PESSOA VIVA OU MORTA TERÁ SIDO MERA COINCIDÊNCIA".





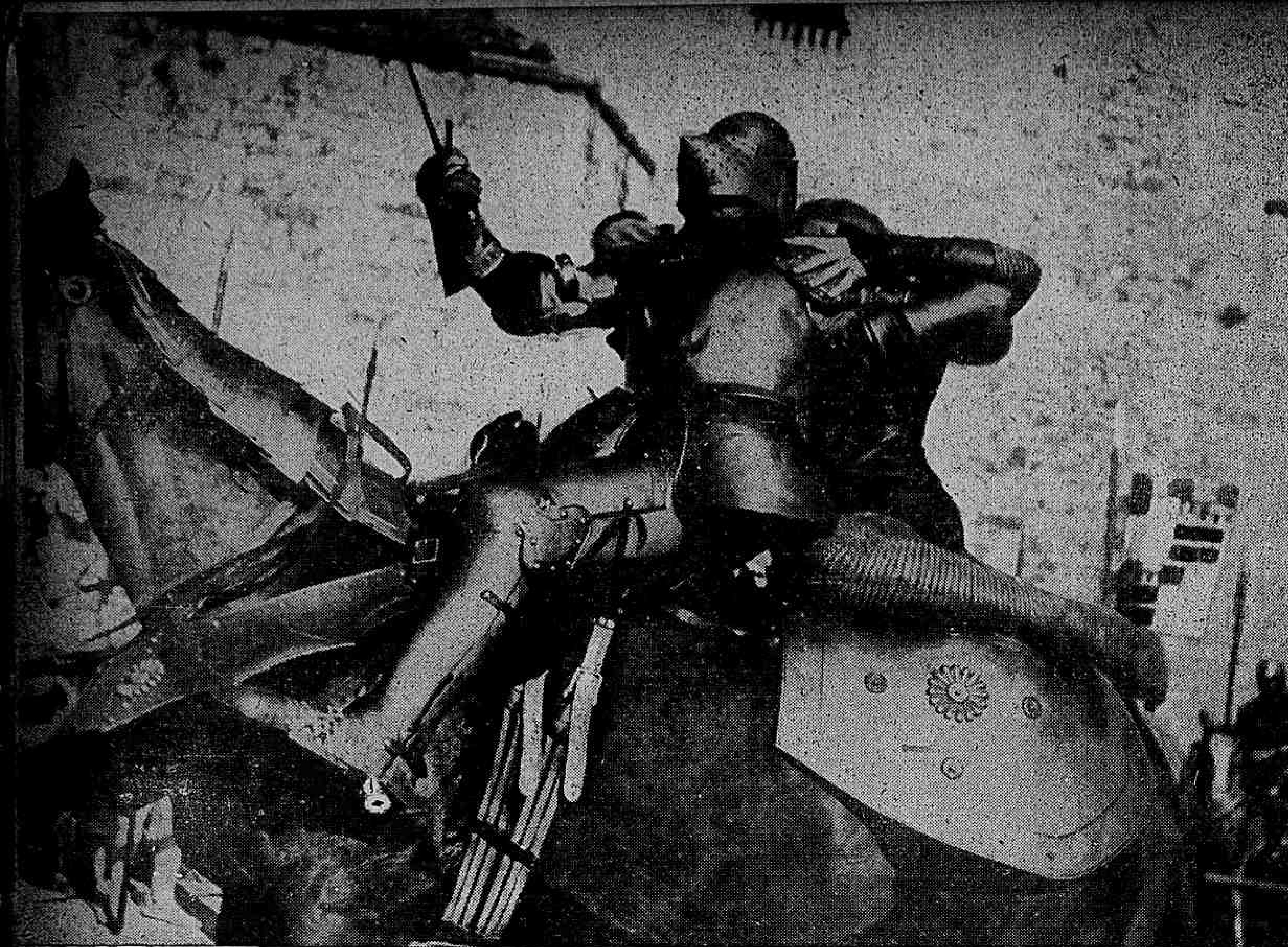

1 — Cabeça de Ava Gardner (exterior).
2 — Mão de Jeanne Crain
3 — Mão Bôba (do autor)
4 — Busto de Jane Russell
5 — Sarong de Dorothy Lamour (servindo de).
6 — Braço de Yvonne de Carlo.
7 — Abdomen de Virgínia Mayo (antes do casamento).
8 — Cadeiras de Ruth Roman.
9 — Pulseira de Lana Turner, presente de Tyrone Power. Imitação (a verdadeira está no pulso de Linda Christian)
10 — Anel de Rita Ayworth, presente Ali Khan (verdadeiro).

Produção, idéia original, roteiro, adaptação, corte, montagem, legendas em português e direção de

leon eliachar

11 — Pernas de Ann Miller (paradas).
12 — Lenço de Margaret O'Brien (sêco).
13 — Liga (da decência).
14 — Pé de Marlene Dietrich.
15 — Sapato de Jane Powell.

E mais: a inteligência de Rosalind Russell, a audácia de Ingrid Bergman, a classe de Joan Crawford, o talento de Bette Davis, a voz de Lauren Bacall — e que seja solteira. Garanto que morrerá solteira.



# O LANCEIRO INVENCÍVEL

POR haver brutalmente reivindicado seu lugar à mesa da família, Bertrand Du Guesclin é amaldiçoado por sua mãe,

**Título original:**

"DU GUESCLIN"

**Elenco:**

| | |
|---|---|
| Du Guesclin .... | FERNAND GRAVEY |
| Tiphaine ........ | Junie Astor |
| Jagu ........... | Noel Roquevert |
| Condessa Penthievre ....... | Gisèle Casadesus |
| A mãe de Du Guesclin ...... | Ketti Gallian |
| Lancastre ...... | Howard Vernon |
| Delfim ......... | Gérard Oury |
| Cantorberry .... | Michel Salina |
| Chandos ........ | Marcel Delaitre |
| Charles de Blois. | Leon Barry |

História de Roger Vercel e Bernard de Latour — Direção de Bernard de Latour — Distribuição da ART FILMS.

cuja cólera não cede senão diante às predições de uma religiosa que anuncia que aquêle menino selvagem está destinado a ser um cavaleiro famoso.

Depois de bater-se contra os "galopins" de Broons, de haver vencido os componentes do torneio de Rennes, e só inclinando sua lança diante do pai, Bertrand fica a serviço dos guerrilheiros de Bocéliande, de onde só se afasta para chegar ao leito de morte de sua mãe, deplorando de não haver sabido fazer-se amar por esta.

Em seguida êle se bate em combate singular contra Cantorberry. A bela e sonhadora Tiphaine lê sua vitória nos astros. De fato, êle é vencedor depois de um combate terrível e será esta mesma Tiphaine a quem desposará, apesar dos pesares...

Um emissário do Delfim arranca-o de seus braços. Ela se consola, mostrando-lhe a sua estrêla e dando-lhe um talismã, onde estão marcados seus dias faustosos e nefastos. Ferido e prisioneiro, em Auray, êle se convence um pouco tarde da justeza das predições de Tiphaine. Esta vende suas jóias e vestidos para financiar o resgate dêle, mas quando enfim consegue a soma pedida, um novo emissário do rei arranca Du Quesclin novamente de seu amor. Êle deverá agora desbaratar as chamadas Grandes Companhias, que estão desgraçando o reino.

A bonhomia de Du Guesclin o faz ganhar os primeiros combates. Êle discute e ameaça e os tipos mais sinistros abandonam o reino que pilhavam, vindo engrossar o batalhão que lutará em outras terras.

Tiphaine vê nos astros aquêles cavaleiros vitoriosos, que acabam afinal na prisão. E com êles, Bertrand Du Guesclin. O Príncipe Negro, vencedor, oferece-lhe a honra de fixar seu resgate. Confiantemente, Du Guesclin indica uma cifra enorme que as mulheres de França ajuda-lo-ão a conseguir.

Nessa altura, o rei o faz Condestável. Tiphaine lhe dá as últimas jóias, os últimos berloques para pagar seus soldados. Depois ela morre numa tarde triste, longe do amado, e legando-lhe um anel que êle usará com uma jovem que virá do Leste...

Dez anos de vitórias. A França está livre. Os sinos badalam, ecoam os "Te Deum", os emissários da vitória se sucedem no Hotel Saint-Paul. Uma tarde, diante de Châteauneuf-de-Randon, o atleta-herói falece. Usando o anel que Tiphaine legara... Em sua tenda de parada, êle se despede dos companheiros de campanha e faz remeter ao rei, com seu sinete de condestável, o anel que, mais tarde, Carlos VII passará ao dedo de Joana d'Arc. E assim termina a história do lanceiro invencível, o primeiro herói nacional francês!...





# MINHA AMIGA MALUCA

Jane (Diana Lynn) e sua avoada e gentil amiga Irma (Marie Wilson), ficam visivelmente nervósas quando Al, (John Lund) amiguinho de Irma, decide levar Steve (Dean Martin) e seu companheiro Seymour (Serry Lewis) a um "show" de televisão. Steve, que explora uma casa de refrescos com a ajuda de Seymour, possui uma boa voz e alimenta esperanças de vir a conseguir um contrato que lhe permita ganhar o suficiente para que êle e Jane possam se casar. Al, por sua livre e expontânea vontade, desde logo se intitula empresário do rapaz. Irma impacientemente espera o dia em que ela e Al se casarão, pois há cinco anos que ambos estão noivos. Steve consegue obter sucesso no "show", mas devido a êsse exito, Jane sente uma pontinha de ciúme quando Yvonne Yvonne (Corine Calvet), uma exótica atriz francesa, beija-o com demasiado calor. Entretanto, Jane e os rapazes quase desmaiam quando descobrem que o prêmio não era em dinheiro, mas sim em pacotes de spaguetti ! Porém, logo se recuperam quando um homem de boa aparência, de nome H. B. Sanford (Charles Evans), chama Steve e lhe oferece um emprêgo com o ordenado de 500 dólares por semana, no seu estúdio em Hollywood. Steve, naturalmente, convida Jane, Irma, Al e Seymour para irem com êle, que aceitam maravilhados. E sem sequer suspeitarem de que Mr. Sanford é um débil mental fugido de uma clínica particular, tomam o primeiro trem para Hollywood, enfrentando todos os sacrifícios das despezas.

Yvonne Yvonne, que por sinal segue também no mesmo trem, vem deixar Steve em "sinúca" com a sua presença, coisa que o leva a dar explicações à Jane, no que esta finalmente concorda em que tudo aquilo não passava de pura coincidência. Entrementes, Irma que ficou em Chicago por ter perdido o trem, descobre alí, pelos jornais, que Sanford não passava de um louco fugido de um asílo. Lá se foi o emprêgo de Steve no cinema! — pensa ela. Vendo, então, a trapalhada em que estão metidos, procura um meio de avistá-los novamente, a fim de darlhes a má notícia. Jane, pelo telegrafo, envia-lhe dinheiro suficiente para uma passagem de avião até à cidade de Kansas onde ela poderia apanhar novamente o trem em que êles se encontram. Mas prevendo não poder alcançá-los, Iram resolve esperá-los em Albuquerque. Alí, todos ficam assombrados com a notícia da loucura de Sanford e ao mesmo tempo "chateados" por verem terminada a carreira cinematográfica de Steve, antes mesmo dêle ter chegado a Hollywood. Por outro lado, havia ainda o problema de estarem completamente sem dinheiro. Jane, pensando por alguns momentos, chega à conclusão de que êles devem tentar voltar a seus emprêgos em New York; mas êle a persuade a deixar tudo por conta dêle. Com o fito de levá-la para Hollywood, Al marca um encontro com Yvonne e diz-lhe que Steve está loucamente apaixonado por ela. Satisfeita, Yvonne confirma o seu pensamento de fazer de Steve o seu galã no próximo filme. Nêsse interim, enquanto espera obter o seu divórcio, poderá conseguir para Steve um contrato no "Lucky Dollar Club" até que êles pudessem estar juntos em cena. Despedindo-se, Yvonne diz esperar encontrá-los lá. Al narra, então, tudo a Steve, mas êste, sabendo do ciúme de Jane, nada diz sôbre o emprêgo que Yvonne lhe arranjou. Desde que êles estavam "duros", sem dinheiro suficiente para ir até Las Vegas, Al resolve fazer uso do seu talento como jogador. Com isso, atrai as atenções de Sharpie (Lloyd Corrigan), um iveterado jogador, que lhe oferece um lugar no "Quick Sand Club" de Las Vegas. Em virtude dêsse arranjo, Al e seus amigos vôam para Las Vegas com tôdas as passagens pagas.

Irma, Jane e os rapazes, chegam a Las Vegas bastante animados, mas Steve tem receios de que Jane venha encontrar Yvonne na cidade. Todos estão certos que o "Lucky Dollar Club" fará a estréia de Steve naquela noite. Contudo, Al em combinação com Irma, consegue fazer com que esta se finja de doente, para que Jane fique com ela. Entretanto, Jane encontrando-se fora, descobre Yvonne numa cena amorosa com Steve — e tomada de incontida revolta, devolve-lhe o anel de noivado. Steve precipita-se atrás dela, mas nada consegue. Entrementes, Irma encontra Al metido em encrencas com os jogadores, são ambos ameaçados de perder a vida e levados a passear a cavalo. Mas Al os convence a deixar Irma como refen, no que esta consegue dar um geito de avisar o "sheriff". Finalmente, fora de perigo, Irma promove as pazes entre Jane e Steve, enquanto ela e Seymour entram para o cinema.

**MY FIEND IRMA GOES WEST**

**Personagens:**

| | |
|---|---|
| Al .............. | JOHN LUND |
| J-ne ............ | DIANA LYNN |
| Irma ........... | Mário Wilson |
| Steve ........... | Dean Martin |
| Seymour ....... | Jerry Lewis |
| Yvonne Yvonne.. | Corinne Calvet |

**Produção de Hal Wallis — Direção de Hal Walker — Soreenplay de Cy Houward e Parke Levy.**





# SAIRÁ ÊSTE MÊS!

## O ÁLBUM DE
# A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

**COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE**




CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

**MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA**

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.
— Biografias completas no verso de cada foto.
— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.
— Noventa e seis páginas, inclusíve 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JÁ O SEU EXEMPLAR

**NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.**


# "O QUE VAI PELA BROADWAY"

**JACKSON FLORES**

NEW YORK — Desde o fabuloso sucesso de "Casablanca", com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman, que os produtores cinematográficos vivem desesperados à cata de um argumento que tenha os ingredientes necessários a uma repetição daquela película da Warner Brothers. E tôda vez que aparece em Hollywood uma história com uma vaga semelhança aos episódios contados em "Casablanca", os produtores recorrem logo aos serviços de Humphrey Bogart e procuram recompor com outros artistas os papéis vividos por Ingrid Bergman, Claude Rains e Peter Lorre.

Essa parece ter sido a idéia dos produtores de "Sirocco", que o cinema Capitol estreou esta semana com Bogart, Marta Toren e Lee J. Cobb. A história de "Sirocco" desenrola-se em Damasco durante a insurreição dos árabes contra os sírios e que os franceses procuram controlar com a imposição das suas tropas armadas.

Humphrey Bogart é o contrabandista de armas, Lee J. Cobb, coronel das tropas francesas e perdidamente apaixonado por Marta Toren que, por sua vez, está ansiosa em fugir para o Cairo. Entre tiros, emboscadas e conflitos amorosos, o filme desenrola-se sem conseguir provocar nenhuma sensação particular no espectador. A direção de Curtis Bernhardt é falha e insegura. Lee J. Cobb está mal no papel do coronel francês e Marta Toren, com a sua beleza exótica, pouco faz. Humphrey Bogart, a quem Marta Toren, no filme, chama de feio, mas terrivelmente simpático, defende-se como pode, sem lograr nada de excepcional. "Sirocco" só pode ser recomendado aos fãs incondicionais de Bogart.

★

"Try And Get Me", da Universal-International, é um filme brutal, frio e que provoca um mal-estar indefinido no espectador. Estrelado por Frank Lovejoy, Richard Carlson e Lloyd Bridges, essa película conta a história de um homem casado (Lovejoy) que, sem poder encontrar emprêgo para sustentar a família, encontra um dia um facínora (Bridges), que consegue convencê-lo de que o roubo é o emprêgo mais fácil e lucrativo que existe no mundo. De simples assaltos à mão armada Frank Lovejoy se vê metido num caso de assassinato que o leva à prisão juntamente com o seu parceiro Lloyd Bridges. Richard Carlson entra na história interpretando o papel de um jornalista empenhado em combater o crime e que consegue com seus artigos sensacionais enfurecer o povo da localidade e, daí, ao linchamento de Lovejoy e Bridges. "Try and get me", que o cinema Brandt lançou esta semana, não chega a ser um filme excepcional, mas tem a virtude de mostrar até que ponto o sensacionalismo de um jornalista pode influenciar o povo. Entre a brutalidade da história de "Try and get me" e as confusões de "Sirocco", eu penso que "The Mask of Avenger" foi o filme que maior diversão me proporcionou, apesar da história ser uma das mais usadas em Hollywood e que, provàvelmente, nos arquivos dos produtores deve ter sido registrada como: "Uma das variantes de Conde de Monte Cristo". Assim mesmo essa película da Columbia Pictures, com John Derek, Anthony Quinn e Judy Lawrence, tem bastante ação e é convenientemente bem interpretada pelo seu elenco, para agradar ao grande público. John Derek é o herói dêsse filme, valente, audacioso e sòzinho brandindo a sua espada que pertenceu ao Conde de Monte Cristo, extermina algumas dúzias de soldados. Anthony Quinn, sinistro e mal como convém a um governador déspota, não tem muito trabalho em conduzir-se satisfatòriamente. "The Mask of Avenger" é em technicolor, como deve ser um filme em que o herói usa uma máscara preta, monta um cavalo branco e luta contra soldados de uniformes vistosos.

★

Não tenho dúvidas em recomendar "The Mask of Avenger", como o melhor filme da semana.

# Antes e Depois



VERA ELLEN

VERA-ELLEN (com hífem) durante seu curto período diante das câmeras de Hollywood já apareceu em inúmeros sucessos, entre os quais «Um Dia em Nova York» e «Três Palavrinhas».

Nascida em Cincinnati, a 16 de fevereiro, Vera-Ellen frequentou a escola pública daquela cidade e dedicou-se tanto aos estudos que sua mãe teve de mandá-la para uma escola de dansas para se exercitar um pouco. Aí, também, a esperta garôta se destacou e com a idade de dezesseis anos era a estrêla dos alunos da escola.

Fêz sua primeira viagem a Nova York na qualidade de delegada à convenção dos Professores de Dansa da América. Desde então sua carreira tem sido uma série de triunfos, em orquestras, em boites, em revistas e na tela. Seu próximo filme será «Belle of New York» em que aparecerá ao lado de Fred Astaire.



★



JUNE ALLYSON

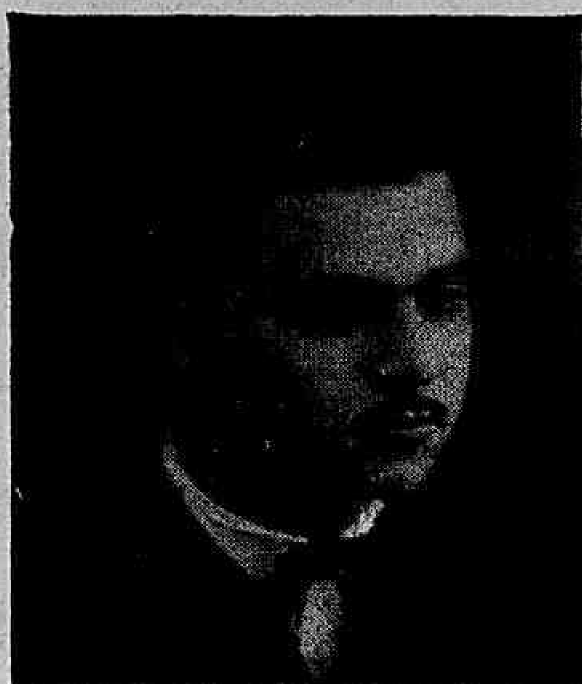
JUNE ALLYSON é novayorkina de nascimento. Veio à luz no dia 7 de outubro, na cidade de Lucerne, onde frequentou escola pública. Posteriormente fêz o curso de humanidades no Theodore Roosevelt High School, no Bronx. Decidida a tornar-se atriz, arranjou uma colocação de corista na peça musical da Broadway «Sing Out The News», enquanto estudava. Seu talento foi logo pôsto em evidência, abrindo-lhe as portas para outros sucessos musicais, como «Loirinha do Panamá» e «Rainha dos Corações».

Um caçador de talentos da M.G.M. gostou de seus trabalhos e o estúdio contratou-a. Sua primeira aparição se deu com «Girl Crazy». Outros sucessos se seguiram. Seus filmes mais recentes incluem «Sangue Campeão» e «Por um Amor». Atualmente trabalha em «Too Young to Kiss», em que aparecerá ao lado de Van Johnson.

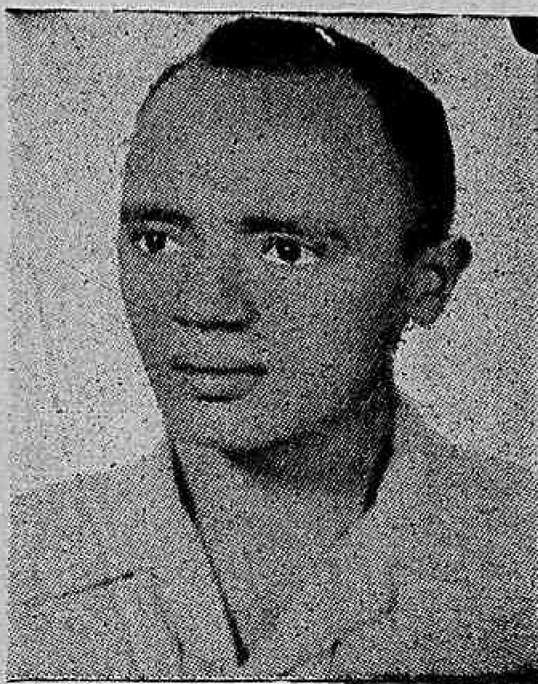


# CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

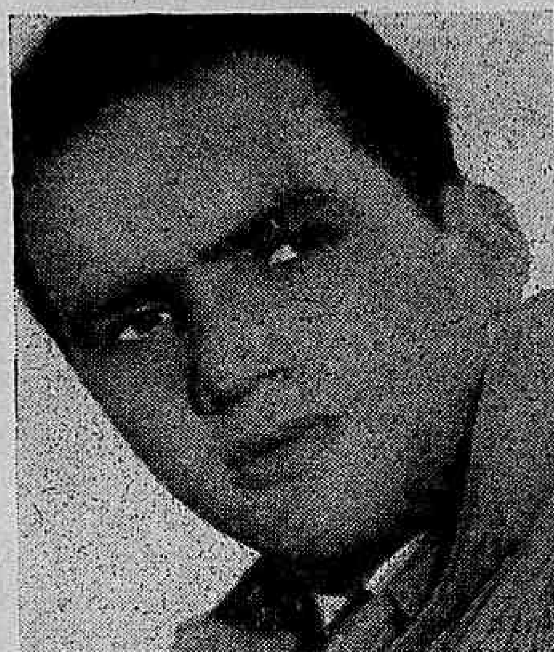
SERIA desperdício de tempo e espaço louvarmos a iniciativa de "A CENA", estimulando os novos para uma provável carreira no cinema brasileiro; o número cada vez mais crescente de candidatos e a repercussão que êste fato, único talvez em tôda a imprensa mundial, está despertando no meio das companhias cinematográficas do país, são um atestado visível de sua vitória definitiva.



**FICHA 101 — FLORIVAL NADALIN**, 22 anos, 1,71 de altura, 68 quilos, curso de admissão, mecânico, sem experiência artística, deseja ser ator dramático. Reside no Distrito Federal.



**FICHA 102 — SEBASTIAO DE SOUSA**, 20 anos, 1,68 de altura, 56 quilos, curso ginasial, estudante, experiência de palco em «pontas» de teatro, deseja representar Reside em Fortaleza, Ceará.



**FICHA 103 — ROBERTO YAGO**, 28 anos, 1,72 de altura, 68 quilos, curso ginasial, funcionário público, experiência de teatro amador, tomou parte em 10 filmes e tem diploma de arte dramática. Deseja ser ator. Reside no Rio.



**FICHA 104 — MARCUS LAFFIT**, 26 anos, 1,76 de altura, 70 quilos, curso ginasial e dactilografia, desenhista, experiência de teatro amador, deseja ingressar no cinema. Reside no Rio.



**FICHA 105 - MILTON MARTINS RODRIGUES**, 23 anos, 1,70 de altura, 63 quilos, curso primário, caxeiro de botequim, sem experiência artística, deseja ser ator cinematográfico. Reside no Rio de Janeiro.



**FICHA 106 — HENRIQUE MEYER**, 30 anos, 1,78 de altura, químico industrial prático, experiência de iluminador, ajudante de cameraman e assistente de diretor em estúdios argentinos. Fala português, espanhol, alemão e inglês. Deseja ser diretor cinematográfico. Reside em Pôrto Alegre, R.G.S.



**FICHA 107 — ERNESTO BONO**, 17 anos, 1,70 de altura, 59 quilos, curso primário, telegrafista, fala italiano, espanhol e português, deseja ser ator dramático-misto. Reside em Pôrto Alegre, R.G.S.



**FICHA 108 — LUIX PECORELLA**, 27 anos, 1,72 de altura, 74 quilos, curso até 1º ginásio, auxiliar de escritório, 3º ano de piano, sem experiência, deseja ser ator. Reside no Rio.



**FICHA 109 — JACY ALVES DE OLIVEIRA**, 21 anos, 58 quilos, 1,73 de altura, curso secundário, telegrafista, sem experiência artística, deseja ser ator. Reside no Rio de Janeiro.



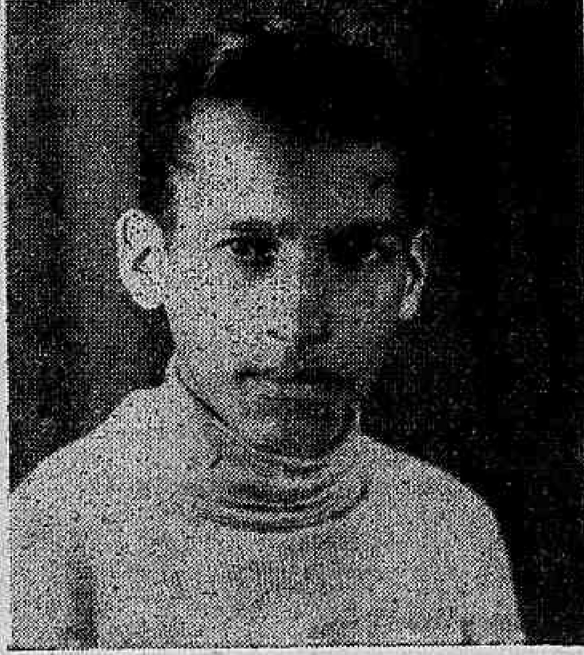
**FICHA 110 — ARMANDO BARROS**, 15 anos, 1,70 de altura, 56 quilos, cursando o 4º ginasial, estudante, experiência de programas de calouros, toca bongo e canta, deseja ser ator. Reside no Rio.



**FICHA 111 — ERMINIA GARBIN**, 22 anos, 1,70 de altura, 60 quilos, vários cursos, dactilógrafa, experiência de teatro infantil, deseja ser atriz, gênero simples. Reside em Santo André, S. Paulo.



**FICHA 112 — KEMAL FADEL**, 17 anos, 1,75 de altura, 66 quilos, curso primário, operador cinematográfico, deseja ser ator dramático, tendo experiência de desenho artístico Reside em São Paulo



**FICHA 113 — DARCY ALVES**, 17 anos, 1,71 de altura, 57 quilos, cursando o 1º ginasial, comerciário, pouca experiência artística, deseja ser ator, mesmo como figurante. Reside em Pôrto Alegre. R G S



**FICHA 114 — TESSA GLADYS**, 18 anos, 1,52 de altura, curso até 3a. série do ginásio, experiência de palco escolar, declama com regularidade, tem boa memória, canta, deseja ser atriz. Reside em Ituintaba.

**FICHA 115 — BALTAZAR ARCANGELO, do Rio,** estêve pessoalmente em nossa redação, solicitando a publicação da seguinte carta, que muito o auxiliará a conquistar a vitória. Aqui fica satisfeito o seu desejo:



«Iniciando a surgir na arte cultural cinematográfica um novo escrito de filmes: Baltazar Arcangelo, jovem cidadão brasileiro, trazendo nas veias elevado traço de sangue da gloriosa raça italiana, desejando iniciar seu passo na aventura no campo da sétima arte, futuramente levará em apreciação dos responsáveis pelo progresso da cinematografia brasileira o seu romance de caráter francês, cujo título é: «Um amor em Paris»: romance de Baltazar Arcangelo, é originalmente parisiense, inspirado no turismo francês, há pouco mais de meio século de nossa era, sendo o enrêdo de seu romance em amor, paixão e aventura. «Um Amor em Paris», é um romance escrito especialmente para a cinematografia pelo qual apresenta um vulto de tiragem em arte, tornando-se necessário um elevado empreendimento de realismo por parte de seus intérpretes».

## FICHÁRIO

**Nome** ..................................................

**Idade** ..................................................

**Altura** ..................................................

**Pêso** ..................................................

**Cursos** ..................................................

**Profissão** ..................................................

**Gênero que deseja abraçar** ..................................

**Experiência artística** ......................................

**Toca algum instrumento?** ....................................

**Observações (a critério do candidato)** ......................

..................................................

## COUPON

Assinatura ..................

..................

Endereço ..................

..................

Telefone ..................

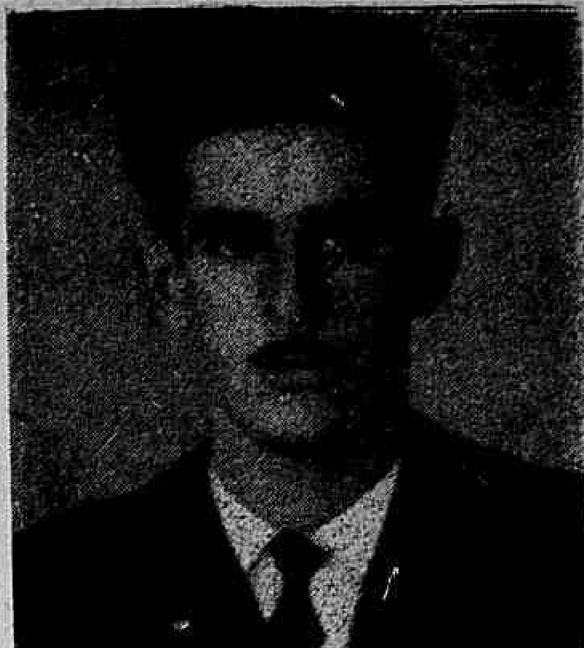
Cidade ..................

OS LEITORES

que ainda sesejam inscrever-se, e que são muitos certamente, pedimos preencher o fichário e anexar o coupon, juntando uma fotografia em papel brilhante, para melhor reprodução, cujo nome deve ser escrito no verso, a fim de evitar confusão e facilitar o nosso trabalho.

OS PRODUTORES

que se mostrarem interessados por algum dêsses candidatos, pedimos a fineza de nos escreverem, indicando não só o número da ficha como o nome do candidato e a data da revista em que a foto do mesmo foi publicada.



**FICHA 116 — LAZINHO DE ARAÚJO,** 18 anos, 1,78 de altura, 63 quilos, curso primário, trabalhando em escritório, toca harmônica de bôca, experiência de teatro. Reside em Passa Quatro, M.G.



**FICHA 117 — GENESIA PEREIRA DA SILVA,** 14 anos de idade, 1,49 de altura, 39 quilos, curso primário, sem experiência artística, demonstra o desejo de ser atriz. Reside em Pôrto Alegre, R.G.S.



**FICHA 118 — JOSÉ LOURENÇO GONZALEZ,** 23 anos, 1,72 de altura, 90 quilos, curso ginasial, estudante, experiência de teatro, estuda acordeon, deseja ser ator para pequenos papéis. Reside no Rio.



**FICHA 119 — MARIA DA SILVA,** 23 anos, 1,54 de altura, 59 quilos, curso primário, auxiliar de enfermeira, sem experiência artística, deseja ser atriz, para papéis de ingênua. Reside em Santos, São Paulo.



**FICHA 120 — MILTON ABDACA,** 22 anos, 1,75 de altura, 64 quilos, curso de dactilografia, comerciário, sem experiência artística, deseja ser ator cinematográfico, gênero policial Reside em Pôrto Alegre, R.G.S.


KA

# TY JURADO, UMA MEXICANA QUE FAZ SUCESSO EM HOLLYWOOD !

SEU nome verdadeiro é Maria Christina Jurado. Nasceu numa ensolarada manhã de um dia 16 de janeiro, na linda cidade de Guadalajara, no México. Possui o tipo característico das mexicanas, é morena, dotada de maravilhosos olhos e cabelos negros, sendo a sua altura de 1,75 centímetros e o seu pêso 58 quilos.

Katy Jurado, que é uma das estrêlas mais queridas do cinema azteca, iniciou sua carreira cinematográfica em 1943 com um importante papel na película «Não Matarás» e, nesse mesmo ano, recebeu um prêmio pelo seu notável desempenho em «Pinto Perez», uma grande produção mexicana, baseada na obra de Ruben Romer, brilhante escritor e membro da Academia de Letras do México.

No ano de 1949, entretanto, Miss Jurado retirou-se temporàriamente do cinema, após obter o título de primeira atriz do teatro mexicano. Desejando dedicar-se inteiramente à ribalta, Katy organizou uma companhia teatral e excursionou através tôda a república mexicana. Esta «tournée» deu-lhe oportunidade de satisfazer um grande desejo, que era o de conhecer intimamente os locais e costumes de todos os cantos de sua terra natal. Algum tempo depois empreendeu uma «tournée» à cidade do Texas, nos Estados Unidos, demorando-se quatro meses e percorrer êsse Estado de ponta à ponta, o que lhe rendeu um grande sucesso financeiro e artístico.

Os esportes favoritos de Katy são boliche e pescaria, tendo ela, neste último, obtido vários traféus em torneios realizados na famosa praia de Acapulco. Sôbre todos os esportes, entretanto, Katy sente uma predileção especial pelas touradas, não só como espectadora, mas também, como toureira, e a melhor prova dista são duas chifradas, das quais ainda conserva a marca, e que recebeu quando toureava um tourinho numa fazenda de criação de touros. Os «fãs» de touradas estão acostumados a vê-la todos os domingos na praça de touros «México», concorrendo com sua beleza e entusiasmo para dar maior brilho a êsse espetáculo. Foi durante um dêsses espetáculos que Budd Boetticher, diretor do filme da Republic, «Paixão de Toureiro» travou conhecimento com essa estrêla e a persuadiu a aceitar um importante papel nessa película.

Katy Jurado é casada e pissui dois encantadores filhinhos, Victor e Sandra, respectivamente, de 4 e 5 anos de idade, ela porém diz que ganhou outra filha no ano passado, referindo-se à película «Paixão de Toureiro». Parece estranho, mas o fato é que ela dedicou todo o seu tempo e privou-se de muitas horas de descanso durante a filmagem dessa produção, sendo êste o motivo porque Katy a considera como algo que lhe pertence.

As películas em que Katy grangeou maior sucesso foram: «Pito Perez», «Prision de Suenos», «Carcel de Mujeres» e agora em «Paixão de Toureiro», no qual ela tem um importante desempenho dramático, atuando ao lado de Gilbert Roland, Robert Stack e Joy Page, filme êsse produzido por John Wayne e totalmente filmado na capital mexicana.

Essa estonteante morena desfruta de enorme prestígio entre o povo do seu país que, por diversas vêzes lhe tem dado provas de carinho verdadeiramente sincero. Ela está orgulhosa de sua carreira artística e a sua maior ambição, no momento, é filmar uma película sôbre touradas na Espanha.





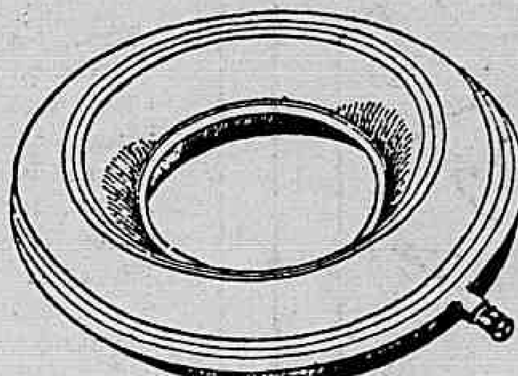
PELO REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

**MATERIAL CIRÚRGICO E CLÍNICO EM GERAL**

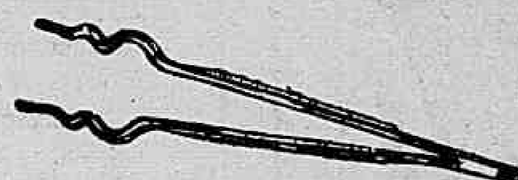
DESPESAS DE PORTE POR CONTA DO CLIENTE.



Saco de borracha para água quente, capacidade de 2 litros com tampão de metal simples. — Cr$ 38,00.



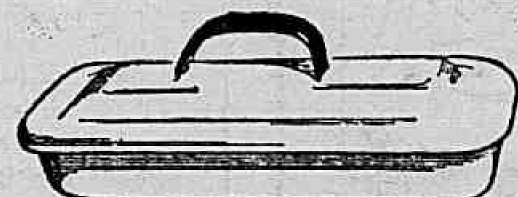
Assento de borracha com válvula, diâmetro de
37 cms. .............. Cr$ 68,00
42 cms. .............. Cr$ 95,00



5821 — Pinça para seringa e material esterilizado com 18 cms. Cr$ 25,00



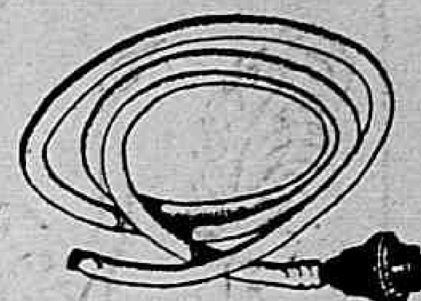
nº 1) — 5811 — Pinça dissecação nacional, com 13 cms., Cr$ 22,00.
nº 2) — 5793 — Pinça hemostática de Kocher nacional, com 13 cms. Cr$ 65,00.



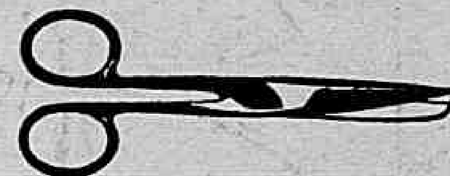
1745 — Cuba de ferro esmaltado com tampa para material esterilizado 8x12 cms., Cr$ 60,00.



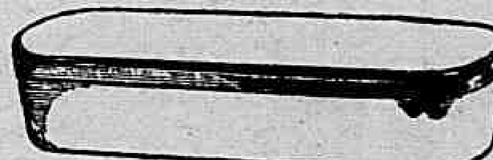
Agulhas de niquel canhão dourado, tipo americano, de: 20x6/10 — 20x7/10 — 25x6/10.
25x7/10 — 25x8x/10 — 30x6/10
30x7/10 — 30x8/10 — 40x7/10
40x8/10 — 50x7/10 — 50x8/10
Cr$ 3,60.



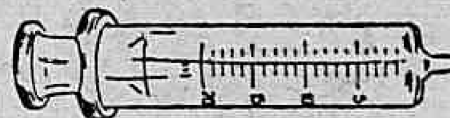
Tubo de borracha, com pertences para irrigador — Cr$ 45,00.



7099 — Tesoura cirúrgica reta ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 64,00.
7108 — Tesoura cirúrgica curva ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 58,00.
7115 — Tesoura cirúrgica reta ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 62,00.
7116 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 66,00.
7117 — Tesoura cirúrgica reta com 1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 63,00.
7118 — Tesoura cirúrgica curva c/1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 67,00.
7179 — Tesoura cirúrgica reta ponto fina c/10,5 cms. francesa, Cr$ 65,00.
7180 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/10,5 cms., francesa, Cr$ 72,00.



Estôjo metálico niquelado para seringa:
2305 — de 5 cc. ....... Cr$ 13,50
2306 — de 10 cc. ...... Cr$ 19,00
2307 — de 20 cc. .......Cr$ 29,00



Seringa de fabricação estrangeira de:
6760 — de 3 cc. ...... Cr$ 32,00
6761 — de 5 cc. ...... Cr$ 38,00
6762 — de 10 cc. ..... Cr$ 50,00
6763 — de 20 cc. ..... Cr$ 69,00

IMPORTADORA E EXPORTADORA

Avenida Venezuela, 131 — 10º Andar — Sala 1006-8 — Fone: 23-2977 — Caixa Postal 1864 — RIO






A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

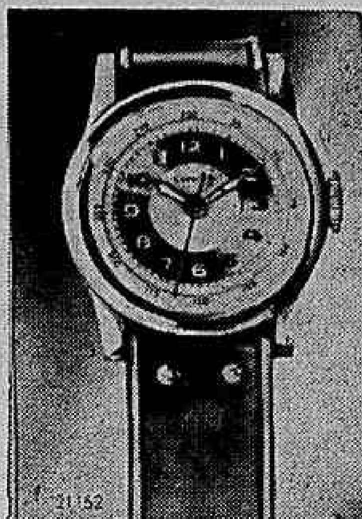
*RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831*

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

*C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"*

VENCENDO EM TODO BRASIL


21.162


15.862

21.162 - Relógio esportivo, cromado, com máquina sistema Roskopf, mostradores variados, ponteiro de segundos no centro. Preço especial. Cr$ 95,00

15.862 - Caixa inteiramente cromada, bôa máquina sistema Roskopf, mostradores variados; pulseira plástica. Oferta especial. Cr$ 83,00

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ 158,00

48.362 - Calendário! Indica hora e dia! Caixa esportiva, cromada, c/ fundo fôsco, máquina suiça, sistema Roskopf, mostrador claro; pulseira elástica, de aço inoxidável. Oferta vantajosissima. Cr$ 248,00

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ 378,00

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ 595,00

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis; ANTI-MAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ 985,00

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ 118,00

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ 195,00

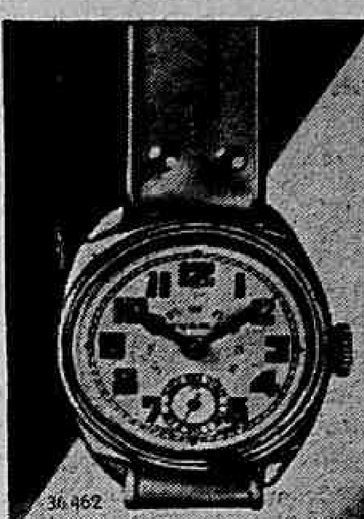
36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ 138,00

55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. Cr$ 398,00

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ 498,00

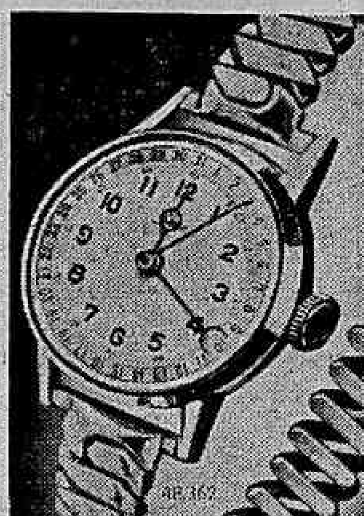
65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ 238,00

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ môla no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima. Cr$ 438,00


36.462


36.762

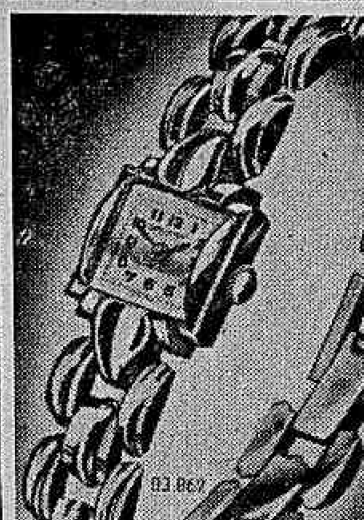

46.062


48.362

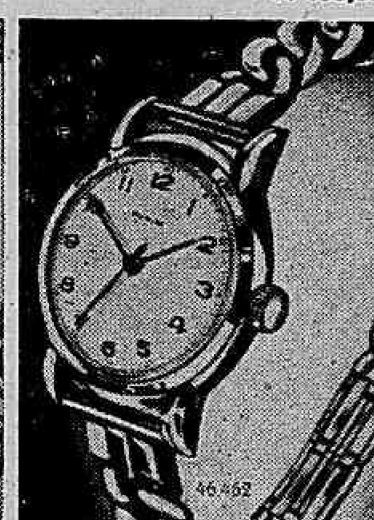

36.662


55.162


82.362


83.862


55.462


46.462


83.362


65.662


51.662


57.761

51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial. Cr$ 438,00

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finissima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. Cr$ 890,00

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda. Cr$ 218,00

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante, mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial. Cr$ 255,00

50.262 - Mesmo modêlo, com caixa folheada a ouro, fundo de aço inox. Cr$ 298,00

51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados; c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia. Cr$ 628,00

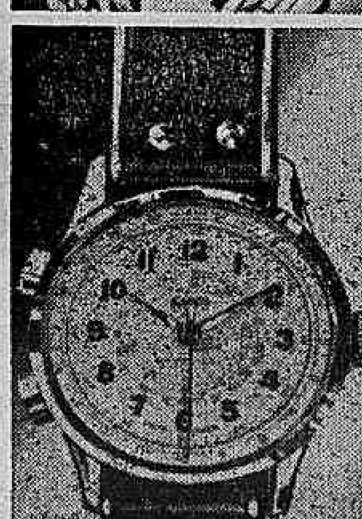
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos; bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ 375,00

12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia. Cr$ 475,00

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso. Cr$ 258,00


51.262


51.462


47.162


50.562
50.262

ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM

CM

NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______



12.962


11.562

ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERA GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS BIJOUTERIAS - JOIAS - ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES







# Coluna do fan

## "SÃO PAULO, CENTRO DA CINEMATOGRAFIA NACIONAL"

SÃO PAULO, a grande metrópole bandeirante, motivo de orgulho para os seus irrequietos povoadores, centro das indústrias do país, cidade limpa e muito bem organizada, onde se constróe mais do que em qualquer outra urbe do mundo, onde o povo trabalha verdadeiramente, não medindo esforços para o seu progresso, não podia deixar de tornar-se também o centro teatral e cinematográfico brasileiro, principalmente o último.

Foi preciso que os paulistas fizessem alguma coisa pelo nosso progresso na 7.ª arte, porque os cariocas em anos e anos de trabalho inútil nada conseguiram, com as raras exceções de Bonequinha de Sêda, Limite, e uns 2 ou 3 filmes da Atlântida, a única nave que conseguia navegar mal e trôpegamente naquele mar de desespêro. O que os cariocas fizeram em tôda essa sucessão de anos, não se pode igualar ao que em pouco mais de um ano realizaram os persistentes paulistas.

A Cidade Maravilhosa necessita é tomar o exemplo dos seus vizinhos e encarar sèriamente a trepidante arte do cinema, e parece que atualmente, com a novel emprêsa criada por Alberto Cavalcanti, a BRASIL-FILMES, o assunto certamente mudará de rumo. Conseguiu Cavalcanti algo que os paulistas não obtiveram: o apoio e o capital do govêrno brasileiro. Esperemos.

Mesmo que venha a imperar a tradicional rivalidade entre os 2 principais centros dêste imenso Brasil, ela será útil ao adiantamento do nosso cinema, pois cada um tratará de realizar as suas produções com mais esmero do que o outro.

Vejamos tudo aquilo que os homens de cinema da terra da garoa conseguiram realizar de 1950 para cá: a vinda do grande cineasta Cavalcanti e conseqüente fundação da modelar VERACRUZ com o auxílio monetário de capitalistas como Mattarazzo e Franco Zampari, distribuição mundial de seus filmes, incluindo os de outra emprêsa mais tarde organizada: a MARISTELA, a cooperação de técnicos famosos de tôdas as partes do mundo e uma bem feita publicidade de seus filmes antes de lançados.

Possuem os paulistas em seu poder técnicos, diretores, artistas e, desde o diretor ou produtor até ao mais humilde servente são muito bem pagos e com todo o confôrto ao seu dispôr.

Não existe entre os dois estúdios, Veracruz e Maristela a menor rivalidade e sim um grande espírito de cooperação mútua, com o que só tem a lucrar o nascente cinema pátrio.

Desde que principiaram à dar novo sentido ao cinema no Brasil, que os pioneiros bandeirantes vêm contando com o grande apoio das multidões que afluem aos cinemas lotando-os e da imensa maioria dos críticos, com raríssimas exceções que não podem ser levadas em conta. Muito mais aumentou o entusiasmo do povo brasileiro e já podemos dizer, do estrangeiro também, depois da exibição de suas primeiras produções.

Propagam os derrotistas, que com a saída de Cavalcanti da Veracruz deu-se o tiro de morte no cinema, paulista, mas é um enorme êrro pensar assim, pois se São Paulo perdeu Cavalcanti, ganhou Fernando de Barros, Lima Barrêto, Martim Golçalves e outros diretores, que se não possuem a envergadura universalmente reconhecida do grande cineasta não deixam de ser ótimos diretores, que se muito já fizeram, muito mais poderão com as excelentes maquinarias ao seu dispor nos estúdios paulistanos. E mesmo assim, Cavalcanti saiu de São Paulo, mas não deixou o Brasil, e afinal de contas, São Paulo, Pôrto Alegre, Recife ou Rio, "tudo isto quer dizer Brasil".

Para sentir-se a verdadeira pujança do trabalho em favor do cinema na capital paulista necessário seria presenciar as monumentais estréias de suas películas, acorridas nos principais cinemas de lá e do Rio de Janeiro; foram algo, como só Hollywood, Cannes, Roma ou Londres são capazes de organizar, com refletores iluminando, presença de artistas famosos, políticos e homens de letras, milionários, jornalistas e um grande público à caça de autógrafos ou apenas para presenciar tôda aquela "movimentação", aquêle dinamismo típico do paulista.

As estréias de CAIÇARA e TERRA, SEMPRE TERRA foram verdadeiros sucessos, mas nada se comparou a monumental première de PRESENÇA DE ANITA, a notável 1.ª produção da Maristela, que inclusive paralizou o tráfego nas ruas próximas ao cine Art-Palácio de São Paulo, onde foi exibida bida em avant-première.

Que dizer então do estrondoso sucesso, dos filmes confecionados em São Paulo, além-fronteiras? Em Punta del Este, cidade de veraneio uruguaia, foram lado a lado com DOMANI I TROPO TARDI (Amanhã é muito tarde) o CREPÚSCULO DOS DEUSES (Sunset Boulevard) os filmes mais comentados e aplaudidos e em Cannes, nas orlas marítimas da Côrte d"Azur francesa, centro de reunião de milionários e magnatas americanos, europeus, latino-americanos e reis e shás asiáticos, CAIÇARA foi o único filme sul-americano que não fêz papel ridículo.

Tudo isto sem contar que a Maristela ainda não entrou no páreo. CAIÇARA está pronto a percorrer as cadêias de cinemas da Alemanha, França, Bélgica, Suécia, Uruguai, Argentina e México, para depois prosseguir suas exibições em outros países de todos os continentes.

As massas de tôdas as classes já consagraram os astros que tomaram parte nas realizações bandeirantes e da noite para o dia ELIANE LAGE, ANTONIETA MORINEAU, MARIO SERGIO, MARISA PRADO, VERA NUNES e ORLANDO VILLAR viram seus nomes transformados em chamarizes de bilheteria e motivos de comentários, tanto dos cronistas especializados, como das pessoas que vão aos cinemas. Resolveram então os hábeis cineastas paulistas acrescentar a êsse plantel de artistas famosos, outros não menos conhecidos e alguns já transformados em "ídolos", como: ANSELMO DUARTE, TONIA CARRERO, PROCÓPIO FERREIRA, ALEXANDRE CARLOS, ILKA SOARES, MARIA DELLA COSTA, HENRIETTE MORINEAU, MODESTO DE SOUZA, ARRELIA, o craque LEONIDAS, ALBERTO RUSCHELL, a grande atriz do teatro CACILDA BECKER e até renomes estrangeiros, como o célebre e consagrado comediante mexicano CANTINFLAS e aproveitando valores novos, como: MARY LADEIRA, HÉLIO SOUTO e MARGOT BITTENCOURT.

No corpo de técnicos, produtores e diretores, contam com valores consagrados e capazes, dispostos a cooperarem juntos para a formação final do cinema nacional. Tomemos como vários exemplos: Oswald Hafenrichter, possuidor de um Oscar pela montagem de O Terceiro Homem, José Maria Beltrán, detentor de um galardão em Cannes, Lima Barrêto, famoso realizador de Painel e Santuário,

(*Continua na página seguinte*)

## COLUNA DO FÃ

## "S. PAULO, CENTRO DA CINEMATOGRAFIA NACIONAL"

(Cont. da pág. 29)

Mário Civelli. Carlos Ortiz, Adolfo Celli, Mário Pagés, Manoel Peluffo, Jacques Lesgards e muitos e muitos outros. E esperam cada vez mais aproveitar grandes nomes brasileiros e estrangeiros que estão sendo tentados pelo "ouro" paulistano.

Nota-se nos empreendimentos bandeirantes não só uma grande orientação artística como também um sentido comercial e publicitário, característicos de qualquer organização segura e séria, como o é o cinema realizado em São Paulo,

E' sem dúvida o paulista um novo empreendedor, capaz e hábil e principalmente astuto que muito está dando pelo nosso cinema, elevando o nome do Brasil, no mundo. São Paulo nos está oferecendo uma verdadeira lição de fôrça de vontade, audácia e capacidade, mostrando que também o Brasil pode, como qualquer outro país, possuir o seu cinema, contrariando a opinião apressada de muitos pessimistas, agora curvados ante a enorme realidade; que apresenta-se animadora diante de seus atônitos olhos.

Os cineastas que colaboram nos estúdios localizados em Jaçanã (Maristela) e São Bernado do Campo (Veracruz), são os mais renomados, mas não os únicos a produzir filmes de qualidade em São Paulo, pois podemos constatar a feliz presença de outros, da mesma maneira interessados na absorvente arte de filmar.

Ludovic Minchella, o grande diretor de tantos filmes francêses, está concluíndo sob a proteção do industrial e capitalista Atílio Grossi as filmagens do primeiro filme colorido nacional: VENTO GRANDE (não confundir com o gaúcho VENTO NORTE), com a "estrêla francesa Hermine Sinclair e o astro brasileiro ainda desconhecido João Paulo Flavioni, ambos baixo contrato na Companhia Brasileira de Indústria e Comércio, realizadora da citada produção. O processo de côres é completamente novo e revolucionário, denomina-se "quimicolor", sendo a película citada distribuída para o mundo inteiro pela organização internacional Dipa Filmes. Êste filme está sendo muito comentado dentro e fora do Brasil.

Em Santos, segunda cidade do estado de São Paulo e centro exportador do café brasileiro, duas emprêsas novas: a CONSTELAÇAO FILMES e a BANDEIRANTES nos apresentarão respectivamente: O TIGRE e ALAMÊDA DA SAUDADE, revelando as atrizes LANDA LOPES e SÔNIA COELHO dirigidas por João Lopes e Carlos Ortiz, êste último ingressado recentemente no rol de técnicos da Maristela.

Estamos, sem dúvida alguma, vivendo a fase definitiva e concreta do cinema nacional, voltando os olhos e despertando o interêsse de todos para uma metrópole febríl e agitada, cheia de vida e trabalho: SÃO PAULO.

Em mais um empreendimento, em mais uma indústria, temos forçosamente que render homenagens à cidade de Piratininga, na qual em boa hora, Anchieta, o apóstolo do Brasil, se estabeleceu.

E' uma cidade da qual, não só os brasileiros, como os latino-americanos em geral, devem tomar como um modelo e exemplo dignos de ser seguidos.

Os louros que ora colhem são merecidíssimos, porém em nada comparáveis às futuras vitórias que certamente obterão, não só em solo patrio, como nos mais remotos confins de nosso planeta; auxiliando a tornar mais conhecido êste confuso e imenso país plêno de contrastes e que precisa ser difundido que é o nosso querido Brasil.

Guardemos confiantes pelas próximas realizações bandeirantes no terreno da cinematografia, que cremos, sinceramente, melhorarão sempre de padrão, contribuindo para a conseqüente entrada de dinheiro no país, que diga-se de passagm, está fazendo terrível falta; e para a diversão de tôdas as camadas sociais.

Olhemos, pois com ótimismo para êste próximo e promissor futuro, visto que o presente já o é bastante.

Está de parabéns o notável povo de SÃO PAULO, a cidade-progresso do Brasil !

*CARLOS ALBERTO DOMÍNGUEZ CONRADO* — (Rio)


**A BELEZA DOS SEIOS** **BÉL-HORMON**

**Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.**

**BÉL-HORMON**



**Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro**

**Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....**

**NOME** ................................

**RUA** ........................ **Nº** ....

**CIDADE** ............ **ESTADO** ........

**Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00**




CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE
ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer


## ESTADOS UNIDOS

(Cont. da pág. 17)

filme romântico "Gambling House", da RKO-Radio. Outro astro do mesmo filme é William Bendix. ★ CHARLES LAUGHTON, EM "THE BLUE VEIL" — Ausente dos Estados Unidos por vários anos, Charles Laughton foi novamente chamado a Hollywood pelos produtores Wald & Krasna. O famoso ator interpretará um dos sete papéis principais de "The Blue Veil", que o diretor Curtis Bernhardt já está começando a filmar. Laughton, que estava numa "tournée" com Charles Boyer, Agnes Moorehead e Sir Cedric Hardwicke, com a peça "Don Juan in Hell", de George Bernard Shaw, decidiu regressar a Hollywood, apesar do enorme sucesso da obra do famoso dramaturgo. Èm "The Blue Veil", Laughton fará o papel de um bondoso homem de negócios, protetor de uma jovem. Em sua ausência do cinema, Laughton estêve ativo no teatro. Fêz também uma série de interessantes conferências, recitando a Bíblia e Shakespeare. Seu último filme foi "O Homem na Tôrre Eiffel".

## ENTRE O . . .

(Cont. da pág. 14)

do qual damos nesta página algumas cenas importantes, que Ruy Santos sublima e demonstra o progresso que atingiu nesses anos todos de experiência e serviço esforçado. Em "Aglaia" êle colaborou na cenarização, do grande crítico Alex Viany, iluminou e fotografou, e ainda por cima dirigiu os atores. Aventura perigosa, arriscada, mas compensadora se o filme sair a contento para os entendidos e para o grande público.

Depois de "Aglaia" Ruy deverá realizar um novo documentário, orientado por Dévio Vieira Ottôni e sob a supervisão de Alberto Cavalcanti.

## MÚSICA

(Cont. da pág. 83)

*de 1851, Vincent D'Indy, oriundo de uma velha familia de Cévannes, deveria mais tarde tornar-se o fundador da "Schola Cantorum". Essa escola teve grande influência sôbre muitos compositores modernos, destacando-se Chansson, Duparc, Leken e outros. Autor de inúmeras obras notáveis, entre elas quartetos e sonatas, destacando-se "Istar", "La Cloche", "Fervaal" e a "Legende de St. Christophe", baseada na legenda de Jacques de Voraignes, e em cujo terceiro ato destaca-se o belo prelúdio "Queste de Dieu". ★ LAWRENCE WINTERS NO BRASIL — Depois de sua apresentação no Teatro Santa Isabel, no Recife, e de um recital nesta cidade na noite de 5 do corrente, o barítono americano Lawrence Winters, seguiu para São Paulo, a fim de apresentar-se na capital, em dois concertos patrocinados pela Cultura Artística daquele Estado. Winters exibiu-se em dois programas, constituidos de peças de Haendel, Schubert, Schumann, Ravel, Ginastera e Vila-Lôbos, além de um "negro spirituals".*


## QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

## GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

**Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos". Acaba de saír a 11.ª edição — Prêço: Cr$ 60,00**

**Pedidos para o interior à LIVRARIA FRANCISCO ALVES**
**RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO**

## FERRO ARSYLOSE

**Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só**

**FERRO ARSYLOSE**

Pedidos do interior a **ARAÚJO FREITAS & CIA.**
Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — **Rio de Janeiro**

# Melodias para você

## MÚSICA BRASILEIRA

### SE O AMERICANO QUISER

*Samba de Henrique de Almeida e Oswaldo França. — Gravação de Alberto Maia*

I

Se o americano quiser aprender
O segrêdo do samba,
Alugue um pandeiro
E contrate um sambista
No Rio de Janeiro,
Arranje uma nêga baiana
Com seu requebrado,
E logo depois terá no seu sangue
O prazer desejado

O samba de fato
Tem um tal micróbio
Que bole com a gente
E o Americano
Achou no gingado
O ritmo quente
Por isso querendo
De qualquer maneira
Ter carta de bamba
Casou com a nêga
Mas sem um pandeiro
Não pode haver samba.

★

### BAIÃO DO PULO

*Baião de Antenógenes Silva. — Gravado por Antenógenes Silva e seu conjunto*

Um pulinho aqui
Um pulinho lá?
Muitos pulos, muitos pulos
Nesta vida a gente dá.

Dê seu pulo bem seguro
E garanta o seu futuro
Pular falso é fatal
Deixa a gente sempre mal

Ai, meu amor, oi
Não vá pular de mais!

Pula, pula meu amor
Mas não vá pular de mais
Pois o gato enganou a onça
No pulo que deu p'rá trás.

Ai, meu amor, oi
Não vá pular de mais!

## MÚSICA ARGENTINA

### BAION DE DOS

(Baião de Dois)

*De Luis Gonzaga e Humberto Teixeira. — Versión castellana de Osvaldo Norton y su Orquesta de Jazz*

Serafin, qué es lo que pasa,
ya no vienes al café,
escapá de la cocina
si te deja tu mujer.
Ay, ay, ay,
ay baión, qué alegre sos;
si um baión es cosa buena,
qué será el baión de dos!
Serafin, haceme caso,
aprendé a bailar baión,
si querés vivir contento
aprendé baión de dos.
Ay, ay, ay, ay, baión, etc.
Serafin, no laves ropa,
no te dejes convencer,
ven a tomar una copa
si te deja tu mujer.
Ay, ay, ay, ay, baión, etc.
No te vuelvas Serafina,
ajustate el pantalón
y dejando la cocina
ven a bailar el baión.
Ay, ay, ay, ay, baión, etc.

★

## MÚSICA MEXICANA

### PALIDA CANCIÓN

*Bolero. — Gravação de Gregorio Barrios*

Pálida canción
mi canción otoñal
mariposa gris
que no puede volar.
Canción de olvido
lucecita que se apaga
eco perdido
de un amor que ya se va.

Pálida canción
mi canción otoñal
tu paisaje gris,
marchitó mi ansiedad
tanto haber amado
tanto haber llorado
y hoy dar al olvido.
Pálida canción
vete de una vez
y no vuelvas más.

★

### QUE PASÓ

*Bolero-mambo de Manuel Conde. — Gravação de Gregorio Barrios*

Que pasó
Que fué lo que sucedió
Que de tí me enamoré
perdidamente.

Que pasó
Que fué lo que sucedió
Que no puedo ya vivir
Sin tú cariño?

Si no me miras
Yo me muero
Si no me besas
Me desespero...

## O CARTAZ DO MOMENTO



EMILINHA BORBA

### DEZ ANOS

Canção-Bolero

*De Rafael Hernandés. — Versão brasileira de Lourival Faissal. — Gravado por Emilinha Borba*

Assim se passaram dez anos...
Sem eu ver teu rosto
Sem olhar teus olhos
Sem beijar teus lábios.
Assim, foi tão grande a pena
Que sentiu a minh'alma
Ao recordar que tu
Fôste meu primeiro amor.

Recordo, junto a uma fonte nos
[encontramos
Que alegre foi aquela tarde, para
[nós dois.
Recordo, quando a noite abriu seu
[manto,
E o canto daquela fonte, nos en-
[volveu.
O sono fechou meus olhos, me
[adormecendo
Senti tua bôca linda a murmurar:
"Abraça-me, por favor, minha
[vida"...
...E o resto dêsse romance só
[sabe Deus...

## A PEDIDOS

### É MEU DESTINO AMAR

(I'm In The Mood For Love)

*Fox de Jimmy Mchugh e Dorothy Fields. — Versão de Oswaldo Santiago. — Gravado por Heleninha Costa*

I

É meu destino amar
E se te vejo perto
Povoa-se o deserto
É meu destino amar
Vejo o céu em teus olhos
Multiplicando estrêlas
Oh! que delícia vê-las
É meu destino amar.

II

Por que parar meus sonhos?
Por que pensar na dor?
Dois corações risonhos
Formam um só e é tudo amor
Se há nuvens pelo ar
Se a chuva cai lá fora
Nada me importa agora
É meu destino amar.

# ARQUIVO DE BROOKLYN JACK

## ROBERT WALKER



Robert Walker nasceu em Salt Lake City, Estado de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte. Atuou no teatro, conheceu Jennifer Jones, casaram-se, foram contratados por Selznick em 1943. Bob conheceu o sucesso e perdeu a espôsa para o próprio papai David Selznick... Deu para beber: tomava pileques tremendos, dizem que com saudades de Jennifer. Resultado: andou dormindo em cadeias pouco recomendáveis e quase perde a popularidade nos estúdios. Agora voltou e está mais ou menos em forma, uma vez que nunca foi um ator muito expressivo. Mesmo porque a fachada não ajuda... Entre 1943 e 1951, na Metro e com ligeira incursão na Universal-International, Robertinho fêz: "A Patrulha de Bataan", "Mme. Curie", "Senhor Recruta", "Desde que partiste", "Trinta Segundos Sôbre Tóquio", "O Ponteiro da Saudade", "Um expedicionário em Paris", "Sua Alteza e o Groom", "E o marinheiro casou", "Quando as nuvens passem", "Mar Verde", "O fim ou o princípio", "Sonata de Amor", "Vênus, deusa do amor", "Crê em mim, amor" (inédito no Rio, não se sabe por que...), "A Flor dos Maridos", "Ousadia" e agora está filmando "My Son John" ao lado da grande Helen Hayes. Walker tem cabelos castanhos e olhos azuis.

## VIVIAN BLAINE



Êsse ex-brôto e balzaquiana promissora chamada Vivian Blaine, que anda desaparecida das telas para desgraça dos seus admiradores, nasceu em Newark, New Jersey, Estados Unidos, a 21 de novembro de 1921. Tem umas pernas muito bonitas, né? Canta muito bem, né? Tem um palminho de rosto agradável, né? Antes de entrar para o cinema atuou no teatro de revista. Fêz uns "shorts" para a Vitaphone e afinal foi parar no estúdio da Fox, durante a guerra. "Cuidado com as saias", "Êle empregou o patrão", "O Punhal Assassino", "Ladrão que Rouba Ladrão", "Serenata Boêmia", "Alegria, Rapazes", "Beijos Roubados", "Corações Enamorados", "Sonhos de Estrêla", "Se eu fôsse feliz", "Precisam-se Maridos" foram os filmes em que atuou, sempre com muita graça e muito amor, e mais isso, e mais aquilo, para gáudio dos seus fãs. Vivian é casada, sabiam? E naturalmente, nessas férias que tomou dos estúdios, deve andar atarefada em teatrinhos de segunda, ou talvez mesmo na Broadway, mostrando aquelas pernas deliciosas, bailando, cantando, piscando o ôlho, e mais isso, e mais aquilo... Ora, Vivian, tem pena de nós: volta ao cinema, *please*! Volta com êsses olhos verdes, graúdos e misteriosos, volta com êsse sorriso de covinhas permanentes, volta com essa vulgar e por isso mesmo encantadora cabeleira ruiva...



## HOWARD DA SILVA



Coadjuvante dos maiores de Hollywood, Howard da Silva nasceu em Cleveland, Ohio, Estados Unidos, a 4 de maio de 1909. Foi aluno de um Instituto de Tecnologia Carnegie e desistiu para trabalhar no teatro. Mas afinal a tentação do cinema foi maior e Howard da Silva acabou mesmo em Hollywood. "O Libertador", "O Lôbo do Mar", "O Manda-Chuva", "Esta noite bombardearemos Calais", "Farrapo Humano", "Carnaval de Estrêlas", "Amarga Esperança", "Hiena dos Mares", "A Vingança de Jesse James" foram alguns dos filmes em que apareceu com destaque. RKO-Radio, Paramount Pictures, Warner Bros., 20th Century-Fox têm sido as marcas para quem tem atuado. Howard da Silva é casado, tem filhos e vive muito diferentemente da tela, na vida real: calma e sossegadamente. E dizem ser um bom sujeito: nada do homem atirado e "valiente" do cinema. Um cidadão mais pacífico que o Pacífico das historietas em quadrinhos... Talento não lhe falta. E embora muito feio, é simpático. Tá?



# SIMONE SIGNORET

Simone Signoret é uma das mais jovens, bonitas e talentosas das estrêlas francesas do cinema. Antes de entrar para os estúdios, frequentou uma escola dramática e atuou ligeiramente no teatro. Desde que apareceu na tela alcançou imediato sucesso. Casou com o diretor Yves Allegrét que a elevou a alturas inatingíveis por artistas desprotegidas, divorciou-se e casou novamente com o horroso cancioneiro Yves Montand. A dupla, aliás, estêve no Rio em 1950, a passeio. Entre os filmes de Simone destacamos: "La Couple Ideal", "Les Démons de l'Aube", "Hotel Clandestino", "Fantomas", "Against the wind" (na Inglaterra), "Escravas do Amor" e "Conflitos de Amor" (La Ronde). Simone tem um tipo especial notável mesmo, pra fazer mulheres perdidas. Convence bastante no papel. Na vida real, todavia, dizem tratar-se de uma pequena muito séria, embora muito amável. Loura, de olhos de âmbar, Simone tem boa altura e bom pêso e é cem por cento feminina, como tôda francesa que se presa...




OSWALDO DA CUNHA

# CARLOS GOMES

*ASSOCIANDO-NOS às homenagens que estão sendo prestadas à memória de Antônio Carlos Gomes, em comemoração à "Segunda Semana de Carlos Gomes", de 8 a 15 do corrente, publicamos aqui, alguns dados curiosos sôbre a vida dêste grande compositor brasileiro. Saibam pois que...*



★

*...Carlos Gomes escreveu as seguintes óperas: "Noite no Castelo" (1861), "Joana de Flandres" (1863), "Guarani" (1870), "Fosca" (1863), "Salvador Rosa" (1874), "Maria Tudor" (1878), "O Escravo" (1889), "Condor" (1891) e "Colombo" (1892).*

★

*...a última composição de Carlos Gomes, "Colombo", poema vocal e sinfônico, em quatro partes, foi escrita em 1892 para as festas comemorativas do descobrimento da América.*

★

*...Carlos Gomes, por iniciativa de D. Pedro II, frequentou o Conservatório Nacional, então dirigido por Francisco Manuel, que seria, depois, o autor do Hino Nacional.*

★

*...que, ao ser agraciado por D. Pedro II, para estudar na Itália, Carlos Gomes recebeu do govêrno brasileiro a pensão mensal de 150$000, paga adiantadamente, de três em três meses, por intermédio de uma casa comercial de Milão ou em cidade na qual houvesse consulado do nosso país.*

★

*...que, em Milão, Carlos Gomes iniciou a sua carreira de compositor, escrevendo as operetas "Se sa minga" e "Nela luna".*

★

*...que a ópera "O Guarani" foi levada à cena, pela primeira vez, no Scala de Milão, a 19 de março de 1870.*

★

*...que "O Guarani" foi representado no Brasil pela primeira vez a 2 de dezembro de 1870, ocasião em que Campinas ofertou uma medalha de ouro a Carlos Gomes com os seguintes dizeres: "Surge, illuminare: quia venit lumen tuum et gloria super te orbe".*

★

*...que o Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, guarda carinhosamente o piano que pertenceu a Carlos Gomes, bem como diversos originais de suas obras, além de várias cartas e batutas.*

★

*...que o casamento de Carlos Gomes com D. Adelina Peri efetuou-se na Itália, a 16 de dezembro de 1871.*

★

*...que, tendo recebido convite para assumir a direção do célebre Conservatório de Pesaro, na Itália, Carlos Gomes repeliu a proposta, pois exigiam dêle, antes de mais nada, que se naturalizasse italiano.*

★

*...que, estando nos Estados Unidos, em 1893, lembrou-se Carlos Gomes de organizar um programa em homenagem ao 71º aniversário da independência do Brasil. No dizer de pessoas de nomeada, que assistiram ao festival, jamais fôra prestada até então, ao Brasil, semelhante homenagem no estrangeiro.*

★

*...que, em 18 de maio de 1895, foi "O Guarani" representado em Portugal, no Teatro São Carlos, de Lisboa, na presença do Rei D. Carlos. Tão emocionado ficou o monarca que, em pleno espetáculo, agraciou Carlos Gomes com a Comenda de São Tiago.*

## NOTICIÁRIO

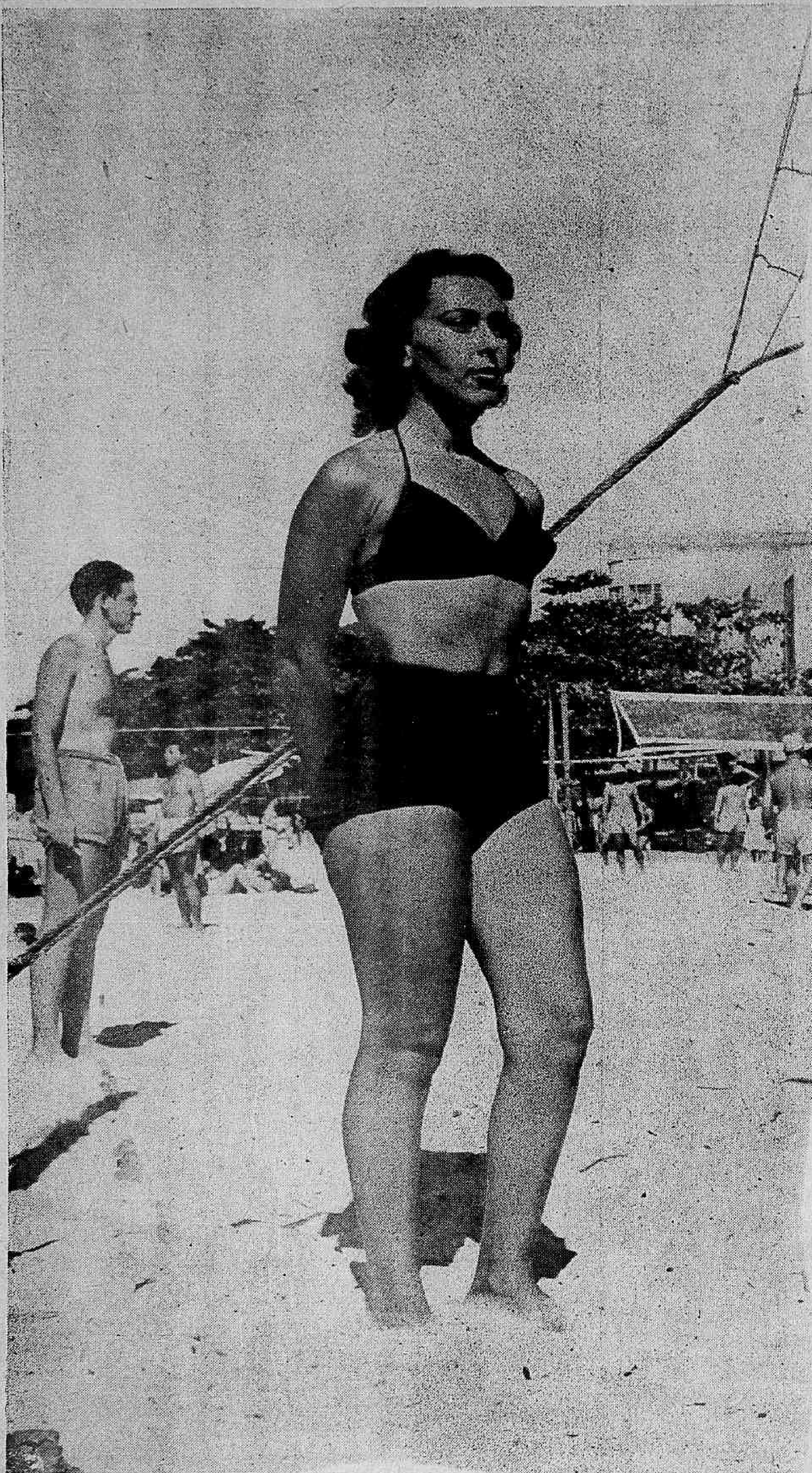
*MARIA APARECIDA PRISTA — Após apresentar-se como solista do "Concêrto para piano e orquestra", de Otávio Maul, numa audição constituída tôda ela de obras do eminente maestro, e levada a efeito no Teatro Municipal a 1º do corrente, seguiu para São Paulo, a jovem e brilhante pianista Maria Aparecida Prista. Naquela capital, Maria Aparecida, levará a efeito um recital, que apresentará o seguinte programa: 1ª Parte — Dois Corais e Suite Inglêsa, de Bach; 2ª Parte — Carnaval Opus nº 9, de Schuman; 3ª Parte — Mazurca, Noturno, Estudos e Balada em sol menor, de Chopin. Êste recital terá lugar no Teatro Municipal, no próximo dia 16.*

VICENT D'INDY

*Comemora-se em França e no mundo o centenário do grande compositor francês Vincent D'Indy. Nascido em Paris, no ano*

(Cont. na pág. 30)

# Pausa para meditação



**LÉA GOMES DE OLIVEIRA** (Foto NÓDGI)

# GLOSSÁRIO CINEMATOGRÁFICO

HUGO SCHLESINGER

(Cont. do número anterior)

MACROFOTOGRAFIA — Processo de tirar cópias ampliadas de negativos fotográficos.

MAKE UP — Emprêgo de cosméticos para melhorar os resultados na fotografia.

MAQUILAGEM — Caracterização.

MARGEM SONÒRA — «Faixa Sonora» — ou «Pista Sonóra». — Em inglês: — «Track». Parte do filme sôbre o qual é registrado (gravado) o som.

«MAQUÉTE» — «Vistas» em modelos reduzidos, que terminam frequentemente numa tela pintada de fantasia.

MEGÁFONE — Aparelho em forma de funil, destinado a ampliar o volume dos sons.

M.G.M. — Metro Goldwyn Mayer.

MICROCINEMATOGRAFIA — Cinematografia aplicada a objetos microscópicos.

MICROFONE — Dispositivo capaz de converter ondas sonoras em vibrações elétricas.

MICROFOTÓMETRO — Instrumento destinado a medir reduzidas intensidades luminosas.

MÍMICA — Expressão do rosto.

MIXAGEM — Aumento ou diminuição da intensidade da música e das palavras.

MONTAGEM — Operação que consiste em colar uma após outra as pontas de cópias escolhidas para a formação do filme, segundo as indicações de decupagem.

MONTAGEM PARALELA — (figura do estilo cinematográfico): Apresentação de diferentes desenvolvimentos, intercalando-os sucessivamente, sem que o espectador tenha «tempo» de perder contacto nem com qualquer dêles, nem com o conjunto.

MOTION PICTURE — Quadro em movimento; indicação para o filme; indústria e arte cinematográfica em geral.

MOVIETONE — Sistema de gravação na margem (faixa) sonora de película.

MOVIOLA — Aparelho que permite ver e ouvir os filmes sem os passar por uma cabine de projeção.

M.P.A.A. — «Motion Picture Association of América».

M.P.C. — Montagem Picture Corporation.

MUTOSCOP — Máquina cinematográfica (pre-histórica) — inventada por Casler — 1866.

NEGATIVO — Material cinematográfico impressionado na câmara de filmagem.

OBJETIVA — Conjunto de lentes de uma câmara cinematográfica.

OBTURADOR — Dispositivo da câmara para regular a admissão da luz que vem impressionar a emulsão.

OPERADOR — Cinematografista.

OSCAR — O prêmio anual para atividade no ramo cinematográfico constituido pela Academy of Motion Picture Arts and Science.

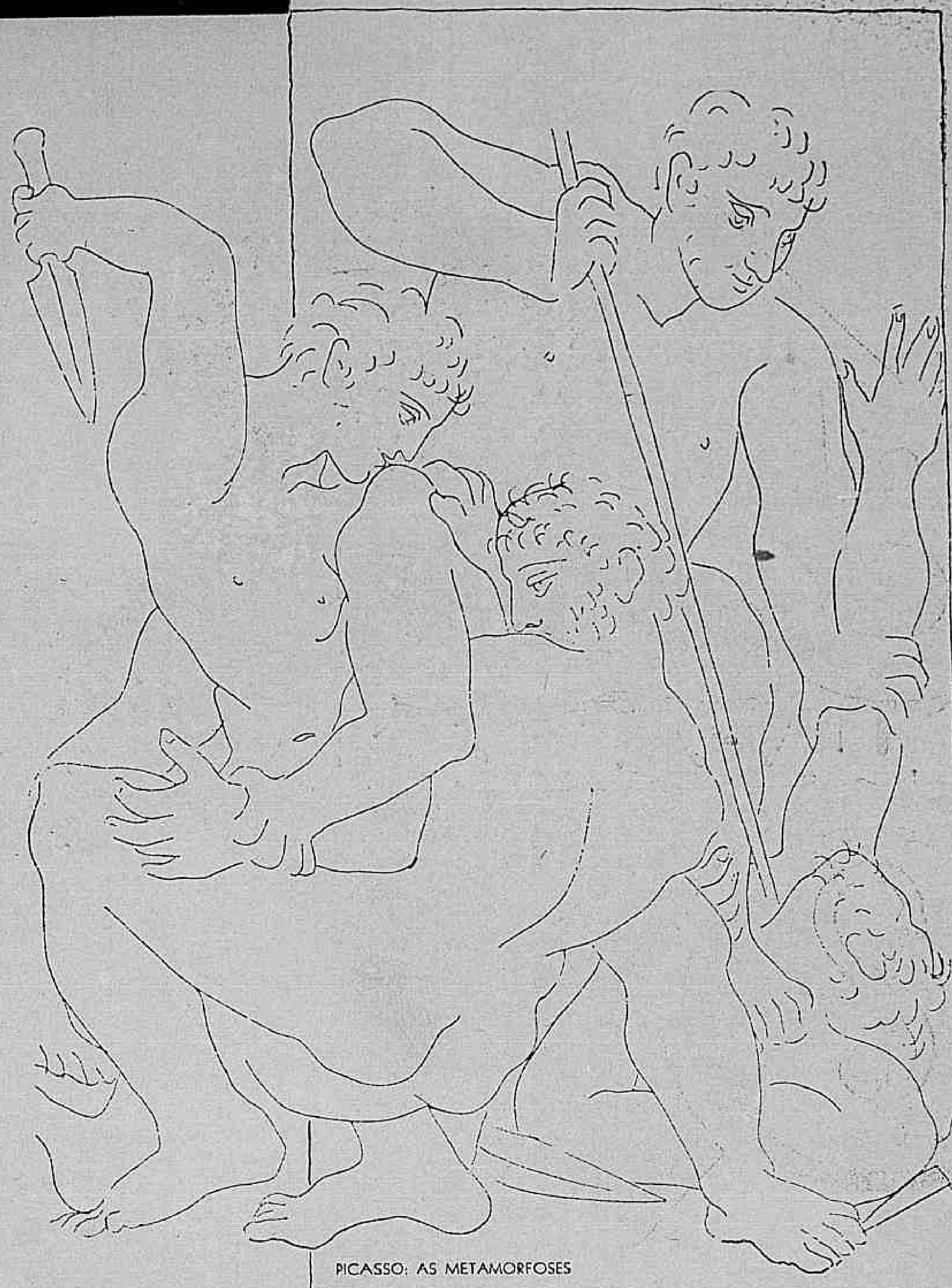
PERSPECTIVA — Arte de representar os objetos tais como se apresentam a vista, conforme a má posição e distância.

(Cont. no próximo número)



VELASQUEZ: AUTO-RETRATO

# Os amantes da arte preferem Hollywood



PICASSO: AS METAMORFOSES

A quem sabe apreciar
um Velasquez ou um Picasso,
só um bom cigarro satisfaz —
Hollywood, mistura feliz
de tabacos da mais alta classe.
Hollywood conta hoje
com mais fumantes que todas
as outras marcas da mesma
categoria combinadas. Você,
como pessoa de bom gosto,
não pode dispensar Hollywood!

*cigarros* **Hollywood**




*uma tradição de bom gosto*

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H- 88.077

SABONETE - TALCO - OLEO
CREME DENTAL - COLONIA - BATON
PÓ FACIAL - BRILHANTINA




BIO HEPAX - MURUROL
POMADA SÃO SEBASTIÃO
GUARAMIDINA